

ISSN: 1806-003X

cadernos

IHU

ano 12 • nº 48 • 2014

A Empatia em Edith Stein

Renaldo Elesbão de Almeida

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

A Empatia em Edith Stein

Empathy according to Edith Stein

Renaldo Elesbão de Almeida

ISTA

Resumo

Nossa pesquisa sobre *a empatia como condição constitutiva da pessoa humana em Edith Stein* tem por objetivo afirmar o ser humano enquanto pessoa capaz de vivenciar a intersubjetividade no reconhecimento do outro como substrato da formação humana. Para esse escopo, faremos uma análise fenomenológica da relação fundamental vivida no encontro entre indivíduos que se reconhecem como semelhantes e que apreendem e compreendem as experiências alheias. Em seguida, iniciaremos nos perguntando como a empatia é constituída e como se desenvolve, sobre o conhecimento da experiência alheia e se vivemos a mesma experiência originária da apreensão do *alter ego*. Apresentaremos a empatia como compreensão de pessoas espirituais enquanto sujeito que se constitui pessoa própria. Torna-se possível, desse modo, o respeito à dignidade peculiar do outro como constituição mútua entre as pessoas humanas. Usaremos, portanto, a primeira obra filosófica de Stein, *Zum Problem der Einfühlung* (Sobre o problema da empatia), como base para nossa pesquisa, bem como outras obras da autora e comentadores que tratam da empatia em conformidade com a visão de Stein.

Palavras-chave: empatia, intersubjetividade, pessoa humana.

Abstract

Our research *on empathy as a constitutive condition of the human person* in Edith Stein, aims to affirm the human being as a person able to experience intersubjectivity in recognition of the other as a substrate of human formation. To this scope will make a phenomenological analysis of the fundamental relationship experienced in the encounter between individuals who recognize how similar and that perceive and understand the experiences of others. Then we started asking us how empathy is constituted and how it develops and the knowledge of the experience of others and live the same original experience of the seizure of the *alter ego*. And present empathy as understanding of spiritual people as individuals who constitutes himself. It is thus possible to regard the peculiar dignity of the other as mutual constitution of human persons. Therefore, we use the first philosophical work of Stein, *Zum Problem der Einfühlung* (On the problem of empathy), based on our research as also other works of the author and commentators dealing empathy in accordance with the vision of Stein.

Keywords: empathy, intersubjectivity, human person.

A Empatia em Edith Stein

Renaldo Elesbão de Almeida

Instituto São Tomás de Aquino
Belo Horizonte – MG

Cadernos IHU é uma publicação mensal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, apresenta artigos que abordam temas concernentes à ética, sociedade sustentável, trabalho, mulheres e novos sujeitos sócio-culturais, teologia pública, que correspondem às áreas de trabalho do Instituto. Divulga artigos provenientes de pesquisas produzidas por professores, pesquisadores e alunos de pós-graduação, assim como trabalhos de conclusão de cursos de graduação. Seguindo a herança dos *Cadernos CEDOPE*, esse periódico publica artigos com maior espaço de laudas, permitindo assim aos autores mais espaço para a exposição de suas teorias.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: José Ivo Follmann, SJ

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Jacinto Schneider

www.ihu.unisinos.br

Cadernos IHU

Ano XII – Nº 48 – 2014

ISSN 1806-003X (impresso)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Caio Fernando Flores Coelho; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. MS Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Agemir Bavaresco, PUCRS, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Aitziber Mugarra, Universidade Deusto, Espanha, doutora em Ciências Econômicas e Empresariais; Prof. Dr. André Filipe Z. Azevedo, Unisinos, doutor em Economia; Prof. Dr. Castor M. M. B. Ruiz, Unisinos, doutor em Filosofia; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Dr. Daniel Naras Vega, OIT, Itália, doutor em Ciências Políticas; Prof. Dr. Edison Gastaldo, Unisinos, pós-doutor em Multimeios; Profa. Dra. Élide Hennington, Fiocruz, doutora em Saúde Coletiva; Prof. Dr. Jaime José Zitzkosky, UFRGS, doutor em Educação; Prof. Dr. José Ivo Follmann, Unisinos, doutor em Sociologia; Prof. Dr. José Luiz Braga, Unisinos, doutor em Ciências da Informação e da Comunicação; Prof. Dr. Werner Altmann, doutor em História Econômica.

Responsável técnico: MS Caio Fernando Flores Coelho.

Revisão: Carla Bigliardi

Arte da capa: tomasinache (www.solilente.wordpress.com)

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto

Humanitas Unisinos. – [Ano 1, n. 1 (2003)]- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .

v.

Irregular, 2003-2012 ; Mensal, 2013-.

Fusão de: Cadernos CEDOPE : série cooperativismo e desenvolvimento rural e urbano; com Cadernos CEDOPE : série população e família; com Cadernos CEDOPE : série movimentos sociais e cultura; e, Cadernos CEDOPE : série religiões e sociedade.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu>>.

Descrição baseada em: [Ano 1, n. 1 (2003)] ; última edição consultada: Ano 12, n. 46 (2014).

ISSN 1806-003X

1.Sociologia. 2.Religião. 3.Trabalho. I.Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

2

331

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1806-003X (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial do Cadernos IHU:

Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

Email: humanitas@unisinos.br

Sumário

Introdução	4
1. A fenomenologia da empatia: o método	7
1.1 A redução eidética.....	9
1.2 A redução transcendental	13
1.3 O ato da percepção.....	14
1.4 O ato da reflexão.....	15
2. O que é empatia?	20
2.1 O conhecimento da experiência alheia	24
2.2 As experiências originárias e não originárias	28
3. A empatia como compreensão de pessoas espirituais	34
3.1 O sujeito espiritual.....	40
3.2 Relevância da empatia para a constituição da pessoa própria.....	45
Considerações Finais	53
Referências Bibliográficas	56

Introdução

“O ‘próximo’ não é aquele que ‘eu amo’.
É todo ser que passa perto de mim.”

Edith Stein

O ser humano na sua constituição enquanto pessoa é espiritual, é livre e vive permeado de vivências pessoais e interpessoais. Essa relação é de fundamental importância no que tange à totalidade da pessoa humana. O homem sendo pessoa não é um ser isolado das outras pessoas, nem totalmente preso às determinações da natureza, pois possui a possibilidade de transcendência para a sua constituição pessoal. Os intercâmbios de vivências podem favorecer, desse modo, a harmonia entre os sujeitos que, por serem vistos como tais, surgem e conferem dignidade e respeito ante o outro e a comunidade. Edith Stein percebe a necessidade de analisar os atos da pessoa numa tentativa de descrever a gênese das vivências que o homem vive nas suas experiências intersubjetivas. A abordagem do ser humano num clima positivista das ciências que o concebia como objeto experimental é, para Stein, de suma importância. Ela vê na empatia a possibilidade de evidenciar a dimensão espiritual da pessoa humana sem descartar a vida psicofísica do indivíduo circundado de outros indivíduos e coisas. Nesse sentido, a autora acreditava contribuir, com sua tese de doutorado *Zum Problem der Einfühlung* (Sobre o problema da empatia), para uma clarificação na pergunta antropológica tão cara à existência humana, a saber: que é o homem?

A modernidade¹ “descobriu” e exaltou a subjetividade, mas desconheceu a necessidade do *eu* de sair ao encontro do *alter ego* gerando uma espécie de *solipsismo*, isto é, o eu isolado. O outro, desse modo, aparece, mas permanece ausente, pois o egoísmo é insipiente à transcendência. Para Stein, somente se pode compreender o homem se o for considerado em unidade entre o reino natural e espiritual. Stein analisa o conceito de liberdade quando aborda o sujeito entre as vivências no fluxo da consciência enquanto

1 Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 679.

indivíduo aberto ao outro na empatia. A saída de si mesmo não coisifica nem o mescla de um não eu, mas antes implica uma nítida distinção entre os sujeitos, ou seja, pode colaborar na aquisição e correção de valores e na confirmação do sujeito na sua individualidade, formando um *eu puro* (conceito que será trabalhado adiante) capaz de vivenciar-se como totalidade de sentido. Assim sendo, a pessoa pode apontar para fora, captar e transformar o mundo dos objetos e das pessoas, encontrando o sentido da relação que é a objetivação compreensiva da vivência de reconhecimento mútuo.

Trata-se, de fato, de uma vivência *sui generis* que está na gênese dos outros atos que Stein analisa no quotidiano, como a alegria e a dor. Desse modo, a empatia, enquanto vivência que reconhece a experiência alheia, possibilita descrever as condições constitutivas da pessoa humana? Edith Stein quer, em princípio, evidenciar o que significa tomar conhecimento da experiência alheia na vida hodierna. É, por certo, uma descrição fenomenológica das vivências, como os sujeitos humanos se reconhecem como semelhantes.

A implicação dessa investigação pormenorizada e peculiar, por ela realizada, da pessoa humana, é de notável magnitude na valorização e compreensão das vivências alheias na constituição da pessoa própria e da sua dignidade universal enquanto sujeito espiritual. Concebida, assim, Stein se aproxima da complexidade humana nas suas possibilidades e essas constatações o afirmam como ser único e, por isso, se afasta da concepção vigente, em seu tempo, da coisificação da esfera espiritual do homem.

Envolvidos nesse pensamento, podemos analisar, atualmente, o homem a partir da pesquisa steiniana a fim de suscitar uma possível convivência ética, numa base universal que une os sujeitos e os formam nas suas relações empáticas, ou seja, com respectivos *eus* em vivências partilhadas. Em vista disso, o trabalho será realizado por meio de pesquisa bibliográfica da fonte básica da obra de Edith Stein: *Sobre el problema de la empatía* (Sobre o problema da empatia). Não havendo, pois, disponível uma tradução para o português dessa obra, faremos a tradução do espanhol. Usaremos, ainda, outros escritos da autora, e de comentadores, como Angela Ales Bello, Moisés Rocha Farias, Katia Gardênia da Silva Coelho e Juvenal Savian Filho, que tratam da empatia.

Nessa perspectiva, o presente trabalho ficou com o seguinte tema: *A empatia como condição constitutiva da pessoa humana*. A exposição abordará três capítulos. No primeiro capítulo, trataremos do método fenomenológico como instrumento na descrição das análises das vivências, que será dividido em dois momentos: a redução *eidética*, isto quer dizer ir ao fundo do fato com a finalidade da estrutura factual, a essência; e a redução *transcendental*. Nesse segundo passo, o *eu* entra em suspensão ante os prejuízos. Verificaremos, nesse momento, a percepção e a reflexão na esfera intencional do sujeito que nota algo. Este método foi criado por Edmund Husserl como via segura de investigação das vivências. Apresentaremos, também, a posição filosófica de Edith Stein sobre o método.

No segundo capítulo, trabalharemos o conceito de empatia na visão da autora. Esta análise não é uma visão psicológica, mas filosófica fundada nas apreensões próprias de sujeitos espirituais. Nesse momento, procuraremos evidenciar a empatia como conhecimento da experiência alheia, o que significa captar a vivência alheia e em que consiste essa apreensão, ou seja, na distinção entre experiência originária e não originária. Aqui se funda a peculiaridade do *alter ego* como semelhante ao *eu* no seu dar-se empático. Essa análise da constituição do ser humano é encarada em sua totalidade, isto é, o indivíduo na intersubjetividade é mediado pela vivência objetivada que faz o *eu* experimentar empaticamente a experiência do outro. Implica, assim, uma formação mútua entre os homens constituindo-os como pessoas espirituais.

No terceiro capítulo, desenvolveremos o cerne do trabalho com a análise da pessoa humana enquanto sujeito espiritual e livre na intersubjetividade e a importância da empatia na constituição da pessoa própria. Isso implica dizer que o propósito da empatia é formar o homem enquanto pessoa no nível espiritual, cuja finalidade é a coparticipação entre os sujeitos e em sua totalidade como pessoa própria gerando comunidade, ou seja, indivíduos com sua atividade espiritual, dotados de sentido, fazem a vida comunitária. Será apresentado, ainda, o sujeito em sua tripartição corpo-alma-espírito no ato empático lhe conferindo individualidade. Desse modo, a *alteridade* contribui para formação do *corpo próprio* na captação e distinção recíproca entre os sujeitos. O outro não determina o *eu*, todavia, pode despertar uma consciência mais clara ante o mundo circunscrito. Stein afirma, nesse viés, que a consciência como correlato do mundo dos objetos é espírito.

Esperamos na pertinência da temática trabalhada, com o intuito de uma contribuição na necessidade de compreensão do ser humano. Stein constrói sua tese sobre a empatia com desejo de compreender a estrutura da pessoa humana na sua peculiar experiência num aspecto antropológico. Nessa ótica, portanto, abordaremos os presentes capítulos na pretensão de compreender o homem na sua dignidade e liberdade, já que, segundo Edith Stein, *ser pessoa é ser livre e espiritual* e pleno de possibilidades, relacional em si mesmo enquanto subjetividade e com os outros na intersubjetividade. Nesta última, a empatia é a vivência aproximativa, enquanto pessoas espirituais, e formativa da pessoa humana em sua completude. Desejamos, em suma, que a leitura desse trabalho favoreça a compreensão da pessoa humana enquanto sujeito espiritual e motive ao aprofundamento do tema explicitado para uma consciência desperta à filosofia, na esfera antropológica, a fim de contribuir para a formação da pessoa humana no mundo atual.

1 A fenomenologia da empatia: o método

Emergia, no contexto europeu na metade do século XIX, uma visão exata das ciências humanas, dando por método a quantificação dos fatos. Tudo deveria ser verificável e submetido a testes experimentais. Era o apogeu do Positivismo, cujo termo foi adotado por Augusto Comte² para a sua filosofia. Este modo de proceder não admitia a metafísica, pois só a ciência correspondia ao conhecimento, já que poderia ser verificado, expresso pelas leis naturais, cuja única realidade física possibilita o triunfo do cientificismo. Este reconhece a natureza material como única explicação do mundo dos valores e do mundo dos fatos. Em consequência disso, nascia a tendência sempre crescente de coisificação do homem que o submetia a repetições de testes comportamentais.

Nesse panorama, outra tendência, a Psicologia apontava de forma reduziva na simplificação dos fatos humanos a meros impulsos psicofísicos, isto é, a redução das ações humanas a fenômenos em nível de corpo e psique sem considerar a dimensão espiritual do homem enquanto ser aberto à transcendência. Necessitava, então, de uma filosofia que considerasse a totalidade da pessoa humana. Contudo, a ciência vigente, com seu método, não abarcava a complexidade do homem e do mundo circundado de vicissitudes.

É sabido que o pressuposto de alcançar uma meta é um caminho. No entanto, não pode ser um caminho duvidoso nem falso. Deve ser evidente e claro. Daí a necessidade de um método eficiente que tenha como via a verdade. Este é o escopo da compreensão do sentido das “coisas mesmas”. Edith Stein³, a exemplo de seu mestre Edmund Husserl,

2 A. Comte (1789-1857) procurou acabar com o “mundo incognoscível” para se dedicar às investigações do mundo real. Por meio do *a posteriori*, ou seja, pela observação, estabelecer um método universal para toda a vida humana, privada e pública. Desse modo, doutrinava que era somente possível conhecer os fenômenos e as suas relações, abstendo-se da sua *essência*, suas causas íntimas sejam eficientes ou finais. É impossível alcançar noções absolutas, afirmara. Toda sua obra é uma tentativa de uma ciência capaz de redescobrir e reavaliar a exigência humana, dando-lhe significado de valor universal. Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2000, p. 776.

3 Cf. STEIN, Edith. *Ser finito y Ser eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Fondo del cultura econômica, 1996, p. 9. Edith Stein nasceu em Breslau em 1891, numa família religiosa judaica. Foi judia fervorosa, filósofa, atea, cristã, carmelita e mártir. Destas significativas experiências, a única que abandonara foi a de atea, pois sua conversão ao cristianismo e sua consagração religiosa não a fez parar

aderiu à fenomenologia⁴, evidentemente, com afinco e originalidade, numa investigação sobre a constituição da pessoa em uma análise dos atos dos sujeitos vivendo um mesmo conteúdo de maneiras diferentes. Com as reduções, que serão desenvolvidas posteriormente, as análises fenomenológicas⁵ abrirão uma trilha sobre a estrutura vivencial da pessoa enquanto capaz de vivências espirituais.

A fenomenologia se apresenta como ir “às coisas mesmas”⁶ e a partir delas encontrar a verdade, destarte: “O objetivo da fenomenologia é a clarificação e, com ela, a fundamentação última de todo conhecimento. Para chegar a este objetivo é preciso excluir de sua consideração tudo o que é de alguma maneira ‘dubitável’, o que pode ser eliminado”⁷. Este, portanto, é um método seguro. Seus passos a seguir nos mostrarão a possibilidade de um conhecimento indubitável e seguro ante o fenômeno homem e suas vivências segundo o seu fundador. Os fatos são dados e devem ser elucidados à autopresentação na esfera das *essências*. Desse modo, eles precisam ser colocados sob um puro olhar, por meio da redução fenomenológica, que é a redução à *ideia*. A análise das estruturas ideais do fenômeno se passa pela pergunta pelo sentido dos fatos, a saber:

Este é o ponto muito importante: existem os fatos? Certamente, existem. Mas não nos interessa os fatos enquanto fatos, interessamo-nos pelo sentido deles. Por isso posso também “colocar

de produzir filosoficamente, nem deixar de amar sua ascendência, agora pensa à luz da filosofia cristã, especialmente a de São Tomás de Aquino (1225-1274). Sua vida foi, de fato, uma vida de profunda entrega que culminou no dia 9 de agosto de 1942, na câmara de gás em Auschwitz, na Polônia.

4 “[...] Mas a única noção hoje viva de F. é a anunciada por Husserl em *Investigações lógicas* (1900-1901, II, pp.3 ss.), correlativa ao 3º significado de fenômeno e depois desenvolvida por ele mesmo nas obras seguintes. O próprio Husserl preocupou-se em eliminar a confusão entre psicologia e fenomenologia. Esclareceu que psicologia é a ciência de dados de fato; os fenômenos que ela considera são acontecimentos reais que, juntamente com os sujeitos a que pertencem, inserem-se no mundo espaço-temporal. A F. (que ele chama de ‘pura’ ou ‘transcendental’) é uma ciência de essências (portanto, ‘eidética’) e não de dados de fato, possibilitada apenas pela redução eidética, cuja tarefa é expurgar os fenômenos psicológicos de suas características reais ou empíricas e levá-las para o plano da generalidade essencial.” ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. p. 438. Fenomenologia significa uma reflexão sistemática do que aparece das “coisas mesmas”. Noutras palavras: estudo do fenômeno em si mesmo. Essa corrente filosófica nasceu na Alemanha no século XX por E. Husserl (1859-1938) e confere a ele o fundador da fenomenologia enquanto método de investigação filosófica, e como via, pode ser aplicado a várias áreas do conhecimento. O desejo de Husserl era construir um método seguro e universal.

5 Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. 2005, p. 65 das Obras Completas Volume II.

6 Cf. STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. La traducción por José Mardomingo. Madrid: Espiritualidade, 1998, p. 49.

7 “Objetivo de la fenomenología es la clarificación y, con ello, la fundamentación última de todo conocimiento. Para llegar a este objetivo excluye de su consideración todo lo que es de alguna manera ‘dubitável’, lo que puede ser eliminado.” A partir daqui, todos os textos em espanhol serão tradução nossa. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 79.

entre parênteses” a existência dos fatos para compreender sua essência. Esse é um argumento para quem diz que importantes são os fatos. Certo, importantes são os fatos, mas o que são os fatos? É este o ponto. E aqui toda uma polêmica com outra corrente filosófica contemporânea, a Husserl, o positivismo.⁸

Nesse sentido, Stein analisa os atos da empatia como ato envolvido de um conhecimento da pessoa, numa visão antropológica. Que é o homem? Esta foi a indagação inquietante e, por conseguinte, sua paixão como filósofa, ou seja, amante do saber da estrutura *ôntica* do homem. Assim, a perspectiva fenomenológica concede a Stein um caráter de aprofundamento à essência vivencial alheia. As características da pessoa fornecem dados, neles mesmos, para a verdade. A experiência empática contém, nela mesma, o *eidós*, a essência dos atos.

1.1 A redução eidética

É possível compreender o sentido das coisas em si mesmas? Por meio do método fenomenológico que se apresenta como via de deixar mostrar-se, isto é, do objeto autorrevelar-se e, por isso, a compreensão das coisas se dá por elas mesmas. As *essências* das coisas, assim, não são produzidas pela mente humana, mas o sentido é captado pela consciência. A intuição como um captar ao *eidós*, revestidos de fenômeno. Nesse direcionamento, o exemplo nos ajuda a entender:

Façamos uma experiência semelhante às que Husserl propõe: alguém bate a mão sobre a mesa, identificamos logo que é um som. Todos nós identificamos esse som. Como o fazemos? Imediatamente, intuitivamente. Escutamos qualquer coisa e dizemos “é um som”. Sempre o fazemos assim, se não pudermos fazer é por algum problema, mas não havendo problema, somos capazes de intuir, isto é, colocar em perspectiva a essência, o sentido da coisa.⁹

8 BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, p. 23. Com a redução podemos empreender várias palavras que indicam a *essência* do fenômeno, como, por exemplo: no termo grego podemos usar *eidós* dos quais derivam *eidética*, *ideia*, já a *essência* procede do latim, podendo ser usado outro termo, como *sentido*. Além do termo *epoché*, temos outros modos de significar a mesma atitude, que é a *suspensão do juízo* ou *colocar entre parênteses*. A existência aqui não é negada, pois elas existem entre parênteses, o que está em questão é a apreensão da *ideia*, ou seja, o mundo que está por trás do factual. O que é o fenômeno? Eis a tarefa do caminho das reduções. Este primeiro passo do método, redução à essência, contrapõe-se ao Positivismo que considerava, unicamente, o fato porque é concreto e pode ser útil na experimentação.

9 BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p 22-23.

Nesse perceber o som, algo físico, nos indica uma consciência intencional¹⁰ à coisa mesma, isto é, fenomenologia. O som em si mesmo diz à consciência o que ele é pela intuição imediata. Agora, como saber que esse som que sinto é verdadeiro? Por sua análise. O ponto essencial é dado, que é o som. Depois desse dado, é importante adentrar no seu sentido, a essência dele. O fenômeno em si diz muito, pois, em sua aparição, evidencia o objeto enquanto tal, mas o método em questão tem por finalidade descrever a *ideia* mesma da coisa manifestada.

Na descrição acima, fica claro que a fenomenologia é a ciência das *essências*. Stein, quando adere essa ciência na investigação da estrutura da pessoa, quer fundar seu conhecimento pela verdade dinâmica do homem. A tendência do método filosófico Positivista era de simplificar o conhecimento pelos fatos. A pergunta pelo significado dos dados é fundamental a uma compreensão justa dos atos empáticos.

A *epoché*, por conseguinte, que é colocar entre parênteses o mundo e os fatos, não se trata de negar o mundo, mas de submetê-lo à veracidade. É o início do método do juízo e tem a função objetiva de descrever essências de vivências, numa contemplação desinteressada, isto quer dizer, desligar do estado natural ou psicológico das coisas circundantes. O foco é a ideiação apodítica, e ainda:

Sobretudo, não faz uso dos resultados de ciência alguma: isto é, em si, compreensível, porque uma ciência que quer ser a clarificação última de todo conhecimento científico não pode se apoiar, por sua vez, sobre uma ciência já fundamentada, mas deve se fundar em si mesma.¹¹

Por consequência, emerge daí uma investigação pura ante os atos. Pode-se duvidar de tudo, porém não da dúvida. A vivência da *epoché* é porto seguro a uma base de sustentação diante do objeto que se apresenta. Nesse sentido, o “colocar entre parênteses” não indica uma atitude cética, mas uma dimensão do método rumo ao sentido. Essa característica é vista como um primeiro passo, de suma importância, pois usar pressupostos científicos para poder conhecer o homem é um processo inválido e positivista que o repousa numa estrutura acabada e não dinâmica. E isso requer uma atenção especial às mudanças

10 Toda consciência, para a fenomenologia, é intencional, e isto corresponde a um ato do eu que se direciona a um objeto diferente dele ou presente no próprio sujeito enquanto representação de uma ideia e, ainda, qualquer coisa pensada ou refletida no eu. Nesse viés, a consciência orientada a algo abre a possibilidade de sair de sua interioridade fechada a uma dimensão aberta à constituição *eidética* (a essência) dos fenômenos extrínsecos e intrínsecos. Cf. BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004, p. 182.

11 “Ante todo, no hace uso de los resultados de ciencia alguna: esto es de suyo comprensible, porque una ciencia que quiere ser la clarificación última de todo conocimiento científico no puede apoyarse a su vez sobre una ciencia ya fundamentada, sino que se debe fundar en sí misma.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 79.

que sofrem a ações jamais repetidas. Encontrar a universalidade na particularidade é a tarefa da redução.

Decerto, o fenômeno que circunda o homem e no homem o confere de vivências únicas e intrasferíveis. A percepção externa alheia, como expressão externa, se reveste de uma postura fenomênica. Esta é porta ao sentido vivencial alheio com o fim de vivenciar uma percepção espiritual. Suspender o mundo é suspender o juízo com suas vicissitudes. Contudo, não se trata de negá-las, mas submetê-las à veracidade fixa e universal. Entretanto, “A fenomenologia da percepção não se conforma com descrição da percepção singular, mas quer indagar o que é ‘percepção em geral’, segundo sua essência, e obter deste conhecimento, do caso singular, a abstração ideal”¹². A vivência subjetiva, de fato, é formada por duas dimensões: de intensidade, da qual não podemos ter acesso ao conhecimento, e a objetiva, ou seja, o conteúdo vivenciado, da qual temos acesso ao conhecimento por ser universal.

Nesse viés, a redução tende a uma espécie de purificação e captação às essências. A universalidade remete à apodítica demonstrável do objeto dado, o fenômeno revestido de contingências necessitando de uma clarificação. O método fenomenológico tem como escopo ir às vivências puras do sujeito. O *eu* vive, por meio da pessoa, cercado de experiências fenomênicas carregadas de sentido e, além do *eu* com vivências próprias, há, também, outros sujeitos com suas vivências. O que isso quer dizer? Que o *eu* vive em meio a outros *eus*, sendo por eles influenciado. Entretanto, o *eu* é livre e pode decidir seus atos. Trabalharemos melhor sobre o *eu* livre no terceiro capítulo de nossa pesquisa.

Ademais, a vivência e a experiência, em si mesmas, não podem ser descritas fielmente. Com isso, a redução é remédio a falsos julgamentos e, ainda, juízos acabados. Entretanto, o caminho que se inicia a partir do gesto de suspensão é fundamental no que tange à pessoa, porque, sendo um ser dotado de um corpo e de uma psique, fica notável uma individualidade plena de um *eu* que é mais que uma coisa física, porém:

Este não se dá como corpo físico, mas como corpo próprio sentindo que pertence a um eu, um eu que sente, pensa, padece, quer, e cujo corpo próprio não está meramente incorporado a meu mundo fenomenal, mas que é o centro mesmo de orientação de semelhante mundo fenomenal: está frente a ele e inicia relação comigo.¹³

12 “La fenomenología de la percepción no se conforma con describir la percepción singular, sino que quiere indagar lo que es ‘percepción em general’, según su esencia, y obtiene este conocimiento del caso singular em abstracción ideante.” STEIN, Edith, *Sobre el problema de la empatía*. p. 80.

13 “Éste no se da como cuerpo físico, sino como cuerpo vivo sentiente al que pertenece un yo, un yo que siente, piensa, padece, quiere, cuyo cuerpo vivo no está meramente incorporado a mi mundo fenomenal, sino que es el centro mismo de orientación de semejante mundo fenomenal: está frente a él y entabla relación conmigo.” STEIN, Edith, *Sobre el problema de la empatía*. p. 81. A partir daqui traduziremos a

O que significa um corpo próprio?¹⁴ Movimento. Algo assim ininterruptamente vivendo quer indicar um *eu* pleno de possibilidades. A pessoa, nesse conceber, é rodeada de situações externas que influenciam a vivência. A suspensão do juízo de buscar responder o que é a coisa, seu sentido é fundamental. No que se refere ao ser humano, a complexidade é mais ampla, cuja vida anímica corporal difere de todos os seres corpóreos, ou seja, o corpo humano é sustentado por um centro, cujo interior emana individualidade na sua vivência, uma particularidade não totalmente dizível e exprimível. Por causa disso é preciso a *epoché* a fim de captar o sentido.

Segue daí a pergunta: Posso apreender o sentido da coisa? Percebo vários sons ao meu redor, dentre esses fenômenos, ouço um som. Início a busca do sentido do som e desperto a consciência para excluir tudo o que não seja o som. A coisa física é-me dada *hic et nunc* e na esfera ideal, isto é, fisicamente *aquí e agora* e em *eidós*. Desse caminho feito, posso captar a sonoridade do sino manifestada. Por meio da redução, analiso os traços dos sons e suspendo o barulho, excluo o contingente e fico com o necessário, o som do sino.

Nessa perspectiva, o processo da fenomenologia é descobrir as *essências* pela *redução eidética*. Esta consiste em observar o dado expressivo e ver dentro dele seu significado, pela descrição das essências, partindo dos fenômenos observados. Nesse conceber, Stein diz que, “Com efeito, não só o que se expressa em semblantes e gestos, mas o que se oculta atrás. Acaso vejo que alguém põe um semblante triste, porém na verdade não está aflito”¹⁵.

No caso descrito acima, fica clara a importância da redução, pois há o risco de prejulgamentos, caso se detenha na aparência sem se perguntar pelo sentido. Isto só se pode conhecer adentrando além da aparência sensível dada. As ciências positivas, no caso do Positivismo, têm a função de descrever as aparências dotadas de contingência e deixar a ideia da coisa. As aparências são mais fáceis de ver, enquanto o sentido exige esforço, pois necessita apreender a ideia.

expressão “corpo vivo” por “corpo próprio”, cujo significado é peculiar à autora. Ele é corpo habitado por um eu consciente.

14 Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 81. Na nota de rodapé encontramos o esclarecimento do termo alemão *Leib* ou “corpo” próprio, animado ou, ainda, vivente, que diferencia de *Körper*. Este corresponde “a coisas materiais e a seres orgânicos enquanto corpos físicos”. Pelo corpo o homem se faz presente no mundo e ocupa o ponto zero, ou seja, somente ele pode estar ocupando um lugar como expressividade de convergência pontual de comunicação de atos. Sua postura compreende seu modo de ser ante a natureza e o mundo biológico, tudo numa esfera mundana de espaço-tempo, por isso, o corpo próprio é ponto de orientação.

15 “En efecto, no sólo sé lo que se expresa en semblantes y gestos, sino lo que se oculta detrás. Acaso veo que alguien um semblante triste, pero en verdade no está afligido.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 81-82.

Há, ainda, vários modos do dar-se nas relações existentes, ou melhor, nas manifestações. Os atos que o sujeito vive não são todos iguais, nem são todos dizíveis, nem desvelados totalmente nos traços expressivos, mas a fenomenologia na sua primeira etapa, a *redução eidética*, tem a função de escavar e descrever os atos. Todavia, na etapa que segue deve ser clarificada para uma melhor compreensão, na nossa pesquisa, sobre o método em questão. O *eu* também sobre redução. Nesta nova etapa, seguimos com a seguinte pergunta: Por que a pessoa busca sentido?

1.2 A redução transcendental

Do fato à *essência*. A redução, agora, é ao sujeito. Essa é a segunda característica primordial do método fenomenológico. *Eu* coloco entre parênteses o próprio eu. O *eu*, assim, deve libertar-se do apego de toda vivência passada para não interferir nesse vivenciar. Isso não significa anular as experiências passadas. O meio dessa relação intersubjetiva, ou seja, relações de subjetividades, precisa ser baseado na participação livre e consciente de uma experiência única e irrepetível. Os olhos do *eu* ao *alter ego* devem estar livres de pré-juízos. O sentido da coisa é o que está em questão, não podendo ser aceito um “sentido” que não seja fruto de um método rigoroso para salvaguardar a verdade do fenômeno, não relativo à produção espontânea de sentido, mas encontrar o sentido em si mesmo.

Para isso, faz-se mister analisar o sujeito humano como ponto de partida de todo conhecimento. Na fenomenologia, o método de redução é de suma importância. Pois, nesse percorrer a essência, o *eu* deve estar cômico de que é sujeito refletindo sobre suas vivências. Purificar a consciência é sumamente importante a uma evidenciação da coisa em si. O exemplo a seguir ajuda a entender essa estrutura do ser sujeito, a saber:

Vemos, sobre a mesa, o copo que antes já estava lá, podíamos vê-lo, mas não tínhamos prestado atenção nele. Esta é uma coisa interessante que apresenta dois níveis. Antes víamos o copo, mas não fazíamos uma reflexão, talvez porque não estívéssemos com sede. Agora, tenho sede e começo a prestar atenção. [...] Porém, no momento em que tivemos uma experiência perceptiva do copo, ele estava também dentro de nós. De que modo estava dentro? Nós sabíamos que o copo existia, portanto estar dentro significa saber que o copo existe. Enquanto estávamos vivendo o ato perceptivo (o ato de ver o copo), poderíamos perguntar do que esse ato era formado. Sabemos que esse ato perceptivo era formado pelo ver o copo e também pelo copo, ali, diante dos olhos. Enquanto coisa física, enquanto visto, onde estava? Dentro. Temos aí o ato de ver, e enquanto vivemos o ato, estamos vivendo o copo-visto dentro de nós.¹⁶

16 BELLO, Angela, Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 27.

O exemplo acima indica um sujeito com consciência ante o fenômeno, contudo, a intencionalidade se apresenta a partir do momento da sede. Ver o copo passa a significar para o sujeito quando ele reflete sobre ele. A reflexão aqui tem função essencial no processo cognoscitivo. A coisa cognoscível é atingida pelo ato gnosiológico do *eu*. Este se dirige intencionalmente ao objeto e, com isso, dá-se conta do copo dentro da consciência. Mesmo sem fazer nele reflexão.

Este ato, de ver o copo que está fora e dentro, é a esfera da percepção como um ato de entrar na coisa e até tê-la em si mesmo. Daí se segue a reflexão do objeto que está dentro. O copo, assim, passa a ser objeto de reflexão. A coisa que é vista e apreendida, como exemplo: vejo uma caneta na minha mesa¹⁷ e preciso dela para escrever. Pego-a. Aqui temos dois atos, um ver e o outro tocar. A percepção da caneta me faz ter consciência dela e ir, intencionalmente, até ela e pegá-la. Enquanto toco, vivencio dentro de mim a caneta que intencionalmente desejo possuir. O ser humano possui essa magnífica estrutura de possibilidade de perceber e apreender o sentido das coisas.

1.3 O ato da percepção

O ato perceptivo é o ato que dá acesso ao sujeito na sua vivência pessoal. Sua interioridade, dessa forma, passa a ser objeto de reflexão, formando assim outra vivência reflexiva. Este ato concebe uma consciência sabedora de algo capaz de entender e apreender o dado perceptivo no seu sentido *eidético*.

A análise fenomenológica do perceber supera o plano da percepção e atua no nível de uma vivência que é a reflexão. Trata-se da vivência da reflexão, diversa da percepção e importantíssima para o ser humano. Podemos dizer também que refletir significa ter consciência: nesse caso, a consciência correspondente a um primeiro saber algo, não a uma reflexão sobre algo.¹⁸

E, ainda, toda vivência intencional tem duas dimensões: a subjetiva, do sujeito transcendental do ato de perceber, a *noésis*; e do objeto cognoscível na consciência, a coisa percebida, a *noéma*¹⁹. O mundo físico é percebido: “A percepção é uma porta, uma forma de ingresso, uma passagem para entrar no sujeito, ou seja, para compreender como é que o ser humano é feito”²⁰. Ato de perceber a caneta sobre a mesa é *aqui e agora*, isto é, dentro do espaço e do tempo em que estamos vivendo. A caneta aparece revestida de

17 Há um exemplo semelhante a este no livro *Introdução à fenomenologia* de Angela Ales Bello. p. 28.

18 BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. p. 90.

19 Cf. BELLO, Angela Ales. *A Fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Trad. de Antonio Angonese. Bauru, São Paulo: Edusc, 2000, p. 44.

20 BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 30.

contingências e, por isso, carece da pergunta: o que é a caneta? E o que é o sentido dela para o homem?

Assim sendo, a dimensão que trata da última indagação remete à consciência, pois “A consciência é uma luz interior que acompanha todos os atos”²¹. A transladação dos atos perceptivos à consciência se desenvolve por meio da visão e do tato, no caso do exemplo da caneta sobre a mesa. A capacidade inerente ao homem de dar-se conta de algo é próprio da consciência. A intencionalidade parte do eu para algo. Nessa ótica, o eu se abre à intersubjetividade de maneira intencional e consciente. Ver e tocar são atos e, ainda, perceber que ver e que toca são atos vivenciados pelo sujeito cognoscente. O registro feito da *res* é sucedido pela consciência que ilumina e acompanha todos os passos da vivência. Nesse conceber:

Consciência, neste caso, não quer dizer que a cada momento nós temos que dizer “agora estamos vendo, agora estamos tocando”. Consciência significa que, enquanto nós olhamos, nos damos conta de que estamos vendo, ou que enquanto tocamos nos damos conta de tocar. Depois podemos fazer uma *reflexão* sobre essa consciência, como estamos fazendo agora.²²

1.4 O ato da reflexão

Nesse processo de redução transcendental, entramos em um novo ato, o ato reflexivo. O que isso quer dizer? Num grau de conhecimento superior. A caneta percebida é elevada até a consciência: “Assim, temos o primeiro nível de consciência que é o nível dos atos perceptivos, e um segundo nível de consciência que é o nível dos atos reflexivos”²³.

Só ao homem são reservadas essas vivências. Ele é um ser potencialmente dotado de capacidade de reflexão, isto é, de dar-se conta do que está fazendo. Um ser que percebe e que percebe-se. Por exemplo, percebo que meu amigo percebeu a caneta caindo. Em outras palavras: vejo a caneta caindo da mesa e vejo meu amigo vendo-a. Há aqui dois atos: o de perceber a caneta e de perceber meu amigo percebendo. Também posso perceber a caneta caindo e perceber que estou percebendo.

Daí deriva a necessidade da reflexão ao homem como parte constitutiva da subjetividade, junto a si mesmo. Isso implica uma fenomenologia encarregada de investigar o que é a coisa que aparece segundo sua *essência*. Pois, o método filosófico, assim, procura ser fiel à descrição *eidética*. Sem dúvida, a fenomenologia é ciência da consciência pura, e esta tende a procurar a estrutura última de cada vivência. Assim:

21 STEIN, apud BELLO. *Introdução à fenomenologia*. p. 97.

22 BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 32-33.

23 BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 33.

Concebida numa perfeição ideal, a fenomenologia deve acolher em si os resultados de todas as ontologias, e por sua vez, elucidando em todas suas formas de relação existentes entre a consciência e os objetos, deve resolver os problemas relativos à teoria do conhecimento ou à crítica da razão.²⁴

Isso que dizer que uma filosofia radicada em um método seguro deve se fundamentar não na experiência nem na ciência experimental, mas, como Edith acredita, na absoluta certeza. Por isso, as investigações filosóficas devem iniciar seu caminho com instrumento seguro e indubitável ante o que se mostra à consciência e penetrar nas suas estruturas de sentido ou em si mesmas, isto é, em seu *eidós* ou sua *essência*. Stein observa que:

A percepção mais clara e distinta, em que uma coisa se apresenta palpavelmente diante dos nossos olhos, pode se mostrar como um sonho ou uma alucinação. Por conseguinte, se a filosofia deseja ser um âmbito de conhecimento indubitável, então não só temos de descartar os resultados das ciências particulares, mas também temos de “pôr entre parênteses” tudo o que sabemos por experiência.²⁵

Se Stein não tivesse esse propósito claro e distinto ante sua pesquisa antropológica, não poderia avançar ao fenômeno, reduzindo o homem à coisa acabada em si mesmo. A citação feita acima é uma crítica às ciências do seu tempo que usavam o experimento para conhecer o homem. O homem é o único ser estruturalmente revestido de corpo, alma e espírito e, por isso, dinâmico na sua formação como pessoa. O ser pessoa se concretiza de forma unitária, numa relação harmoniosa, entre corpo, alma e espírito. Como identificar essas dimensões que, sendo diferentes, podem agir em conformidade? O exemplo a seguir nos ajuda a clarear essa ideia, a saber:

Porque temos sede. Que tipo de ato é a sede? É um impulso. Nós sentimos alguma coisa interiormente, que nos impulsiona a pegar o copo e a beber [...]. Pode ser que alguém próximo do mesmo copo d'água tenha o mesmo impulso de beber, mas não chega a pegar o copo sobre a mesa. Por quê? Existe um controle semelhante ao ato da reflexão (É justo não poder pegar). Podemos dizer que existe uma regra social ligada a um controle, trata-se de um ato que não é o do ver ou o de tocar, nem o do impulso que mais se assemelha ao ato de refletir.²⁶

24 “Concebida em una perfección ideal, la fenomenología debe acoger en sí los resultados de todas las ontologías, y a la vez, dilucidando en todas sus formas la relación existente entre la conciencia y los objetos, debe resolver los problemas relativos a la teoría del conocimiento o a la crítica de la razón.” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía: Los problemas de la subjetividade*. Vol. II, 2005, p. 687.

25 “La percepción más clara y distinta, en la que una cosa se presenta palpablemente ante nuestros ojos, puede mostrarse como um sueño o una alucinación. Por consiguiente, si la filosofía há de ser un ámbito de conocimiento indubitable, entonces no sólo hemos de descartar los resultados de las ciencias particulares, sino que además hemos de ‘poner entre paréntesis’ todo lo que sabemos por experiencia.” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. p. 681.

26 BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 33-34.

No que se refere ao dito acima, ficam claras as três dimensões com características diversas: o impulso ao beber a água é da esfera psíquica; o ato de controle é da esfera espiritual, da reflexão. E a esfera corporal? É a dimensão ligada à objetivação dos atos posteriores. Ninguém tem sede sem um aviso da necessidade corporal (a não ser que crie necessidades), e ninguém consegue pegar intencionalmente num copo para beber água se não usar o corpo como instrumento. O tato oferece a sensação do corpo, assim como os demais membros existentes. Pois, as coisas físicas são conhecidas através da corporeidade. Esta é a forma exteriorizada. As dimensões estão intimamente ligadas entre si:

O espírito poderia viver sozinho? Não, o espírito habita a base psíquica e corpórea. O corpo pode viver sozinho, sabemos de casos em que o elemento psíquico e o elemento espiritual não são ativados, porém, o ser humano potencialmente tem essas três características. Numa situação de coma, pensamos que não existem impulsos de caráter psíquico ou espiritual ativos, porém, nesses casos, procura-se fazer com que aquele ser humano torne a ser o que é.²⁷

De fato, a pessoa é unidade. Por isso, no processo gnosiológico da intersubjetividade, o *eu* precisa identificar a diferença dos atos para uma clareza ante o *alter ego*. No exemplo acima, a reflexão foi de suma importância, pois possibilitou o controle do impulso de beber. Com isso, o ato de controle é um ato social pelo qual todos podem viver como homens e não como animais. Avaliar, refletir, controlar e decidir são atos espirituais, cujo sujeito vivente pode exercer nas relações intersubjetivas. O sujeito da vivência que irradia a si mesmo:

O denominamos Eu puro. Não é um fragmento do mundo real como o indivíduo psíquico, senão que se encontra contraposto ao mundo [...]. O que fica da vivência, quando é efetuada a redução, é o conteúdo encerrado na vivência, independente de todas as condições reais e que se capta por si mesmo.²⁸

A investigação psicológica²⁹ está condicionada à natureza, diz Edith Stein, por isso, ela não tem nada a ver com a vivência pura porque a Psicologia trata acerca do indivíduo psicofísico e suas funções psíquicas. Assim, ela pode ser uma ciência experimental. A fenomenologia, afirma Stein, é a ciência da consciência pura, a qual não é membro, mas

27 BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 41.

28 “Lo denominamos Yo puro. No es un fragmento del mundo real como el individuo psíquico, sino que se halla contrapuesto al mundo [...]. Lo que queda de la vivencia, cuando se ha efectuado la reducción, es el contenido encerrado em la vivencia, independiente de todas las condiciones reales y que se capta por sí mismo.” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. p. 685.

29 Cf. STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. p. 686. A psicologia se interessava pelas manifestações psíquicas e, para a autora, ela deve estar sob a *epoché*, ou seja, sobre *parênteses*. Evidentemente, não se trata de negar os impulsos psíquicos, mas de uma livre vivência do eu enquanto eu-em-si-mesmo.

sim correlato do mundo, ou seja, do material de vivência que obtém no mundo empírico. Consiste, enfim, de um *eu* construtor de mundo espiritual extraído da natureza. Stein, assim, emancipa o *eu* como condição de conhecimento seguro, por meio da abertura a outrem ou às coisas, e é o terreno no qual se pode obter conhecimento absoluto com pura e fiel descrição. Dessa maneira, o *ego* se torna *Dasein* (existente), ou um ser-aí. É sujeito envolvido com consciência intencional interior e exterior. É um sujeito existente.

A redução, portanto, tem a característica de interromper o *cogito* para uma elucidação *eidética* do correlato vivido. Isso significa uma passagem da *epoché* ao *ego transcendental*, ou seja, o *eu* é colocado em suspensão enquanto *eu* entranhado no mundo natural, submetido tudo a certeza do *cogito*. Contudo, o mundo circundante manifesta-se cheio de sentido, cuja atividade constituidora da ideia é função do sujeito consciente. É fundamental que:

Temos bem presente que, de maneira geral e inevitável, a cada “*noésis*” corresponde a um “*noéma*”, mas concretamente: que cada percepção pertence necessariamente a uma coisa percebida; a todo querer, uma coisa querida; e, em termos totalmente gerais, que a consciência se contrapõe necessariamente ao mundo, então entenderemos que uma descrição essencial da consciência somente pode efetuar-se, quando se realiza conjuntamente a descrição da estrutura do mundo, da constituição essencial de todas as classes de objetos.³⁰

Aqui temos a posição implícita, de uma diferenciação entre Husserl e Stein, da posição filosófica de Edith Stein³¹, de uma unidade ideal-realista³², ou melhor, de uma filosofia de correspondência entre a ideia e o objeto. Essa era a posição escolástica de verdade. Adere esse critério de verdade a fim de equilibrar os excessos do racionalismo

30 “Si tenemos bien presente que, de manera general e inevitable, a cada ‘noésis’ le corresponde un ‘noéma’, más concretamente: que a cada percepción le pertenece necesariamente una cosa percibida; a todo querer, una cosa querida; y, en términos totalmente generales, que a la *conciencia* se le contrapone necesariamente un mundo, entonces entenderemos que una descripción esencial de la conciencia solamente puede efectuarse, cuando se realice conjuntamente la descripción de la estructura del mundo, de la constitución esencial de todas las clases de objetos.” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. p. 686-687.

31 “Husserl descreve a redução como uma suspensão do juízo de existência sobre a realidade e diz que ela deve realmente ser levada em conta para eliminar possíveis preconceitos. Contudo, segundo Stein, é de todo válido e lógico que devo levar igualmente em consideração este eu que suspende o juízo. Dito de outra forma, não se pode separar o processo da *epoché* de quem o efetiva, não existe assim um processo de conhecimento com a cisão de alguém que o faça. Isso no campo fenomenológico tem uma consequência lógica, que Edith Stein evidencia: ‘considero o mundo e a minha pessoa como fenômenos, razão pela qual não é possível que sejam apagados ou colocados em dúvida tanto eu como tampouco a própria existência’. [...] Se vê nos escritos steinianos um vivo interesse antropológico, uma percepção da totalidade do ser humano e é esta a base de todas as suas investigações: a pessoa enquanto ser, em sua inteireza”. FARIAS, Moisés Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. Dissertação de mestrado em filosofia. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013, p. 24-26.

32 Cf. BELLO, Angela Ales. *A Fenomenologia do ser humano*: traços de uma filosofia do feminino. p. 90.

e do empirismo e chega a dizer que “a consciência como correlato do mundo de objetos não é natureza, mas espírito”³³. Nesse sentido, “Se pode apreciar em Stein a concepção da adequação da escolástica: a verdade é ‘adaequatio intellectus ad rem’, isto é, a correspondência do espírito com a coisa. Este aspecto da teoria do conhecimento corresponde à ontologia”³⁴.

Por conseguinte, no caso dos sujeitos nas relações empáticas, a consciência tem papel fundante a uma frutuosa relação intersubjetiva. O mundo fenomênico se apresenta mascarado de sentido. Cabe à pessoa captar seu *eidós* do fenômeno-mundo depois da *epoché* da posição do mundo. No caso da pessoa, todos os seus atos são objetos da fenomenologia. Penetrar na complexidade da pessoa humana só é possível por meio das vivências dos atos próprios da estrutura entre os sujeitos. Ademais, estamos tratando de entender o que é empatia, cuja vivência possibilita conhecimento da pessoa alheia. Tendo, portanto, desenvolvido o método fenomenológico a partir de Edith Stein, abordaremos, então, o problema da empatia. Como ela é constituída e como se desenvolve.

33 “La conciencia como correlato del mundo de objetos no es naturaleza, sino espíritu.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*: Nota introductoria. p. 66.

34 “Se puede apreciar en Edith la acepción de la adaequatio de la escolástica: la verdad es ‘adaequatio intellectus ad rem’, Este aspecto de la teoría del conocimiento corresponde a la ontología.” Extraído da nota de rodapé de STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*: Los problemas de la filosofía de la naturaleza. p. 766.

2 O que é empatia?

Devemos agora investigar o que é a *empatia*³⁵ segundo sua essência³⁶. Podemos analisar a vivência empática em conformidade com o método fenomenológico concebido por Edith Stein. É de fundamental importância, na compreensão da estrutura do homem, identificar seus atos como seu mostrar-se ante o mundo. É de fato uma investigação pormenorizada da vivência empática na esfera da intersubjetividade.

Empatia em sentido restrito é participar da *qualia* dos atos alheios de um indivíduo absoluto, ou seja, em esfera cerrada em si mesma, caráter *monádico*, que entropaticamente é dar-se a outro eu por meio da vivência que inicia a intersubjetividade, ou seja, a totalidade do ser-em-si-mesmo (subjetividade) em um-não-eu (intersubjetividade) por via da empatia³⁷. A redução fenomenológica, assim, pode nos conduzir à estrutura hu-

35 “A palavra alemã utilizada por Husserl (*Einfühlung*) é composta por três partes, o núcleo *fuhl* significa ‘sentir’. Há na língua grega uma palavra que poderia corresponder a *fuhl* (e a *feeling*, derivada da língua latina): *pathos*, que significa ‘sofrer’ e ‘estar perto’. A palavra empatia é uma tentativa de tradução desse sentir em termos linguísticos espontâneos do ser humano, para sentir o outro. Uma outra tradução poderia ser *entropatia*. [...] Usamos *entropatia* para dizer que, imediatamente, captamos que estamos diante de seres vivos como nós”. BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 64-65.

36 “A investigação da essência da empatia levada a cabo por Edith Stein não se limita à descrição operada na Segunda Parte de sua tese doutoral, pois, na Terceira Parte, ao tratar da constituição do indivíduo psicofísico, e na Quarta Parte, tratando das pessoas espirituais, Edith vai à raiz dos atos e identifica um dinamismo empático como condição de possibilidade de todos eles. Não se trata de dizer que todos os atos reduzem-se à empatia, mas de constatar um dinamismo de presentificação de caráter empático na raiz deles.” FILHO, Juvenal Savian. *Em torno da empatia segundo Edith Stein*: pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? 2012, p. 12. Este artigo foi o resultado de uma questão colocada durante o I Congresso Internacional de Edith Stein na Faculdade Católica de Fortaleza em 2011. A palestra da questão que motivou o artigo foi conduzida pelo Prof. Cristiano Barreira, e o artigo foi exposto por Juvenal, na Conferência de abertura do II Colóquio Brasileiro de Estudos Fenomenológicos em São João Del Rei, 18/09/2012.

37 Cf. COELHO, Kátia Gardênia da Silva. *A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein*. Dissertação de mestrado em Filosofia. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012, p. 96. Evidentemente, a empatia não é a única vivência que possibilita o conhecimento da experiência da alteridade, contudo, a autora vê na empatia o ato mais apodítico de verdade em relação ao reconhecimento de si mesmo ante o outro. Pois, no problema da empatia, Stein procura demonstrar a distinção pela “contra-

mana no seu mais profundo significado vivencial que, conseqüentemente, o significado é sempre universal³⁸.

Nesse direcionamento, fica necessário evidenciar³⁹ o ato empático na sua peculiaridade. Entramos, desse modo, na estrutura que confere o homem universalmente. A consciência aqui se apresenta como algo de suma importância ante o *eidós* empático. Nesse sentido: “Tomemos um exemplo para ilustrar a essência do ato empático. Um amigo vem até mim e me conta que perdeu seu irmão, e eu noto sua dor. Que é este notar?”⁴⁰. Nessa descrição, podemos perceber um encontro entre duas pessoas com suas subjetividades e vivências particulares. O relato da dor do amigo que chega e exprime sua vivência é vista fisicamente e apreendida empaticamente pelo eu que “noto” a dor. Esta vivência tende a ver o outro como outro eu, como sujeito, e não como objeto. O eu diante do outro eu, na empatia, não diminui a dignidade, pelo contrário, ratifica. Aqui, o sujeito é mais sujeito e nunca objeto.

A experiência de *outrem* pode ser vista fisicamente e idealmente⁴¹ através do ato empático. Mas “[...] a vivência inquestionável do objeto vivido pelo outro, presente na

posição a outros atos da consciência pura. Em outras palavras, isso significa que ela diz primeiro o que a empatia não é, para dizer, apenas por contraposição, o que ela é”. Cf. FILHO, Juvenal Savian. *Em torno da empatia segundo Edith Stein*: pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? p. 2. Juvenal menciona aspectos analisados por Edith de distinção que a empatia não é imitação, não é percepção interna, e não é um ato de vontade. Assim, a investigação empática, em questão, não é por via psicológica no sentido de transmissão de sentimentos, mas filosófica, ou seja, se trata de conteúdo ideal, cuja esfera não pode haver engano.

38 Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 164.

39 Pois, o eu pertence a toda consciência e, por isso, podemos verificar vivencialmente o objeto da vivência universalmente na estrutura constitutiva da pessoa humana como uma possibilidade de abertura ao mundo externo. O eu “mesmidade” se direciona ao “tu” gerando o “nós” (relação), assim ratifica e clareia a si mesmo. A evidência do ato empático é de notável importância a uma diferenciação do eu (empatizante) ante o *alter ego* (empatizado). Cf. FARIAS, Rocha Moisés. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 33-35.

40 “Tomemos un ejemplo para ilustrar la esencia de lacto empático. Un amigo viene hacia mí y me cuenta que ha perdido a su hermano, y yo noto su dolor, Qué es este notar?” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 82. Para uma melhor compreensão do problema instigado, usaremos as palavras “dor” e “alegria” para designar a vivência da empatia como apreensão universal. Como também a palavra “objeto”, que tem sentido aqui de “conteúdo” colhido ou captado da experiência alheia. Contudo, poderíamos usar outras vivências, tais como: amor, ódio, medo, coragem, etc. Pois, a vida anímica é densa de possibilidade em relação à vivência.

41 “Em termos técnicos, Edith explica que a percepção externa é o título que damos a atos em que o ser espaciotemporal típico de uma coisa e o seu dar-se ocorrem em carne e osso e *hic et nunc*, aqui e agora. Na empatia, o objeto também se dá *hic et nunc*, aqui e agora, mas não em carne e osso, isto é, não com

palavra, mas anterior a ela é muitas vezes independente dela”⁴². O *eu* reconhece no *alter ego*, isto é, outro *ego* semelhante, independente das expressões físicas. Essa é a estrutura universal do homem: a possibilidade de vivência do reconhecimento. Essa abertura ao outro na sua vivência é vista no dar-se, e, nesse revelar-se, posso apreender a dor do meu amigo na sua essência enquanto tal, ou seja, a dor em si mesma. Posso também vivenciar o mesmo conteúdo conferindo significado (a dor) no ato específico desse apreender imediato.

O outro *eu* que vejo diante de mim e a apreensão da dor me fazem experienciar a consciência alheia numa percepção interna. Devemos, pois, entender que empatia vai além deste termo “percepção interior”. A empatia é outra vivência, a da apreensão do objeto percebido interiormente. A percepção externa pode ser meio de aproximação ao interior alheio, mas a vivência da empatia não está condicionada, somente, à vivência perceptiva. A empatia tem caráter imediato de um “dar-se conta” da essência vivencial. Pode, mas não necessariamente, o eu captar a dor envolvido de percepção externa: “Quizá está sua cara pálida e assustada, sua voz afônica e comprimida, quizá também da expressão à sua dor com palavras”⁴³. Nesse notar sensivelmente, por via perceptiva, verificamos por parte do eu cognoscível um indivíduo possuidor de capacidade retentiva das impressões sensíveis da alteridade.

A empatia, contudo, é livre e, desse modo, não é percepção externa, pois ela consiste na vivência da experiência interior alheia. “Portanto, a empatia não tem o caráter de percepção externa, porém certamente tem algo em comum com ela, a saber: que para ela existe o objeto mesmo aqui e agora”⁴⁴. O objeto em questão é a dor, como exemplo, e essa “dor” é universal enquanto conteúdo. A vivência alheia é objeto para mim com tendências implícitas, isto é, o sentido do ato me transfere para o interior alheio e recolho o conteúdo vivencial da “dor”. Nesse sentido precisamos clarear, indicando:

Outra distinção que devemos fazer é entre a percepção interna e a empatia, pois, comumente, sua aproximação vivencial favorece um engano, igualando seus conceitos de maneira errônea. Já vimos como se dá a vivência da percepção externa do outro, contudo também existe a percepção interna que Edith Stein achou por bem denominar “intuição interna”.⁴⁵

um ser spatiotemporal típico de uma coisa, com seu dar-se também típico.” FILHO, Juvenal Savian. *Em torno da empatia segundo Edith Stein*: pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? p. 4.

42 FILHO, Juvenal Savian. *Em torno da empatia segundo Edith Stein*: pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? p. 14.

43 “Quizá está su cara pálida y asustada, su voz afônica y comprimida, quizá también da expresión a su dolor con palabras.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 82.

44 “Por tanto, la empatía no tiene el carácter de percepción externa, pero desde luego que tiene algo en común con ella, a saber: que para ella existe el objeto mismo aquí y ahora”. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 83.

45 FARIAS, Moisés Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 32.

A interioridade alheia se manifesta envolvida de sentido *eidético* mesmo quando a pessoa reprime suas vivências. Ela, através do fenômeno, se mostra como um todo numa sintonia estrutural, porque posso reprimir a minha vivência de medo, por exemplo, mas o próprio medo se diz fenomenologicamente a mim. Controlar o medo já é mostrá-lo, pois o corpo como instrumento de objetivação interior fica rígido e desconexo com os movimentos livres e, assim, revela o objeto vivencial como que preso interiormente. Nesse dar-se, a empatia favorece uma apreensão da interioridade alheia. A vida exterior e interior é captada empaticamente:

Desse modo verifica-se que a percepção interna é uma síntese de atos que implicam na peculiaridade individual vivenciada originariamente em traços particulares do caráter que radicam em profundidades diferentes. Tal percepção capta a base das qualidades pessoais. A manifestação das vivências que se atribuem à pessoa permite reconhecer através da percepção interna e apreender o caráter como um todo.⁴⁶

Para um melhor entendimento, Stein descreve três modalidades de atuação da apreensão empática enquanto presentificação de vivências. São graus que conferem processo a uma vivência concreta, a saber: “1º, a aparição da vivência; 2º, a explicitação plena; 3º, a objetivação compreensiva da vivência explicitada”⁴⁷. O conteúdo da vivência do *alter ego* ante o *ego* se relaciona fenomenologicamente numa evidenciação ideal, ou seja, o fenômeno do ato aparece, dá-se explicitamente, e a vivência torna-se objeto captado *eideticamente* ou compreensivamente. Nesse viés, a vivência empática se apresenta a mim em fenômeno denso de sentido e:

No primeiro grau, a vivência emerge diante de mim. No segundo, colho o sentido que essa vivência me oferece, ou seja, colho o seu objeto (conteúdo). É somente no terceiro grau que essa vivência torna-se objeto para mim, por meio da clareza que me dá a compreensão. Dada essa dinâmica, no primeiro e terceiro graus a presentificação corresponde de modo não originário à percepção não originária, pois a vivência emerge para mim e eu a tomo como objeto assim como quando percebo a mesma percepção de alguém: não tenho sua percepção, mas percebo o mesmo que ele percebe e ainda percebo que ele percebe. No segundo grau, a presentificação corresponde de modo não originário à atuação da vivência, pois se trata da vivência do objeto da vivência do outro, que não é minha, embora eu a torne presente para mim”⁴⁸.

No que se refere ao dito acima, podemos definir a empatia como coparticipação da vivência alheia. A “dor” do meu amigo é vivida por ele e por mim. Entretanto, o que

46 COELHO, Kátia Gardênia da Silva. *A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein*. p.42.

47 “1º, la aparición de la vivencia; 2º, la explicitación plenaria; 3º, la objetivación comprensiva de la vivencia explicitada.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 87.

48 FILHO, Juvenal Savian. *Em torno da empatia segundo Edith Stein*: pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? p. 6.

denominará vivência empática é a apreensão da dor enquanto conteúdo, correspondente à abertura universal, de possibilidade de uma convergência nas consciências humanas de identificar um semelhante com consciência. Em outras palavras: o *ego* reconhece o *outrem* como um *alter ego* nas suas vivências. Este ato é do dar-se conta da consciência alheia. Relações intersubjetivas que comportam o conhecimento universal da experiência alheia. Devemos, portanto, evidenciar o conhecimento mesmo da apreensão do outro. Que conhecimento consiste nessa experiência?

2.1 O conhecimento da experiência alheia

Quando vejo um outro *eu* perante mim, o reconheço subitamente como um ser vivente com uma estrutura igual a minha, mas, evidentemente, com suas vivências subjetivas próprias que, por meio do ato “notar”, capto seu conteúdo vivencial numa adesão *hic et nunc* (aqui e agora) do vivido alheio, assim, “[...] a expressão procede da vivência e se ajusta ao material expressado”⁴⁹. Esse perceber idealmente no interior do semelhante visto é concebido como um conhecimento imediato do objeto presentificado à consciência do eu empatizante.

Com isso, podemos conhecer o conteúdo da experiência alheia⁵⁰ na medida em que a vivência entropática nos revela a experiência subjetiva alheia favorecendo a intersubjetividade numa relação de proximidade entre os sujeitos. Todavia, nesse ir ao outro, mesmo que na empatia seja um ato mediático, fica implicando uma abertura alheia: “Para aproximar-se da interioridade do alheio na medida necessária para os seus objetivos, ele deve ser capaz de abrir-se. Não se pode tornar em objeto o sujeito”⁵¹. Assim, a consciência alheia se passa pelo crivo da análise fenomenológica⁵² porque a dor não é objeto da percepção

49 “[...] la expresión procede de la vivencia y se ajusta al material expresado.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 164.

50 Esse acolhimento alheio favorece a inclusão do interior do outro em meu interior. O eu acolhe e inclui em si o objeto experiencial da alteridade. Com isso, esse ato confere unidade e certa harmonia entre os *egos* semelhantes e diferentes. Semelhantes enquanto estrutura e diferente enquanto indivíduo peculiar com seus modos multiformes de vivenciar subjetivamente cada experiência. O conhecimento da experiência alheia em que Edith trata se refere ao objeto vivenciado enquanto tal e não a intensidade vivencial particular. Cf. FARIAS, Moisés rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 84.

51 STEIN, *apud* FARIAS. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 53.

52 No nosso caso, a que estamos tratando nesse trabalho, a expressão “consciência alheia” se refere à investigação fenomenológica de tal dimensão do homem na sua subjetividade transcendental. Não podemos perder de vista o problema que estamos tratando que a do problema da *empatia* cuja investigação é o método fenomenológico, que equivale, a uma análise da vivência empática no viés filosófico. É sabido, pois, que não chegaremos a compreender que é o homem sem primeiro entender a função cognitiva da

externa, isto é, em carne e osso, algo objetual, mas idealmente⁵³ e, por isso, a empatia é adentramento ao ato em si mesmo. Sua essência é vista *noeticamente* à consciência por meio da *epoché* fenomenológica a um desvelamento do *ego* puro, a vivência mesma. Desse modo: “A dor não é uma coisa e não me está dado desta maneira, nem sequer quando a noto ‘no’ semblante doloroso que percebo externamente”⁵⁴.

Nesse conceber, fica evidenciada a empatia como conhecimento da vivência enquanto conteúdo do *outrem*. Esse conteúdo se faz objeto após explicitação do terceiro grau do material colhido no instante do aparecer. Aqui temos a plenificação da empatia. É preciso, pois, pontuar que não podemos medir os graus, mas vivenciá-los, isto é, não é algo que digo “agora não quero ter empatia”, ou “agora quero ter”, mas é uma atividade própria da pessoa humana quando se encontra em relação. Contudo, podemos nos educar para um processo de ações empáticas. Ela não se dá nos três graus de forma automática. Eu preciso determinar-me, por exemplo, em ver que o outro é um ser semelhante a mim.

E, ainda, não podemos conhecer as experiências subjetivas do *alter ego*, sua intensidade. Esta experiência, em si mesma, manifestada a mim pelo *alter ego* que *hic et nunc* experimenta a alegria, posso também apreender e sentir com. O conhecimento consiste

relação em questão. Procedendo assim, pretensiosamente nos aproximaremos do fenômeno ontológico, relativo ao ser do homem, numa visão realista metafísica do homem inserido no contexto vivente. Ou seja, a Stein acredita ser valioso saber do homem na sua relação consigo mesmo (subjetividade), com os outros (intersubjetividade) e com o mundo das coisas. Essa concepção profunda e horizontal do sujeito se dá pelos fenômenos vivenciados no qual estamos a elucidar a *empatia* em si mesma a uma compreensão do homem em sua abertura imanente e transcendente. Este resultado não é mero *cogito*, mas denso de sentido no que tange a pessoa na sua procura existencial de conhecimento de si mesmo e realização. Este saber de si-para-si é material de elucidação da *essência* humana. O outro medeia esse desvelamento intrínseco-pessoal, centro interior mais íntimo da vida. Portanto, na nossa presente pesquisa, entre a subjetividade e a intersubjetividade existe uma possibilidade de nexos e unidade: a *empatia*. O nexo remete à ligação de vivências e a unidade quer indicar não uma mera “mesmidade”, mas uma diferença na diferença gerando tal unidade. Esta unidade é o “objeto” da vivência. Neste ponto podemos concluir que a empatia é unidade, mas diferença na individualidade pessoal.

53 Esta expressão “idealmente” não quer significar o sentido rigoroso do termo, mas de ato espiritual próprio da pessoa humana, racional. Stein não negava, mesmo o submetendo a *epoché*, o mundo circundado de coisas, mas o considerava nas suas análises fenomenológicas de forma mais atenciosa do que seu mestre Husserl. Husserl não negava o mundo, mas se concentrava mais no *eu puro*. O *hic et nunc* que usara para indicar momento vivencial *aqui e agora* parece mostrar não uma apreensão sujeita ao passado, mas ao presente da vivência com seus correlatos, isto é, o percebido ou imanente do objeto dado, por exemplo, a caneta vista e tocada na esfera subjetiva do *eu* vivente.

54 “El dolor no es una cosa y no me está dado de esta manera, ni siquiera cuando lo noto ‘en’ el semblante doloroso que percibo externamente.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 83.

no objeto e não nas experiências decorrentes da vivência em si mesma⁵⁵. Agora, se essa vivência é originária ou não, é de ser devidamente examinada posteriormente; contudo, nesse momento, cabe a nós entendermos essa intersubjetividade entropática. Desse modo, o ato cognoscitivo se desenrola da seguinte maneira:

Eu posso encontrar uma pessoa e ter um reconhecimento súbito de que é um ser humano, imediatamente o vejo como indivíduo e identifico como alguém semelhante a mim. Assim, enquanto eu o vejo, tenho, ao mesmo tempo, percepção e entropatia, ou seja, percepção e apreensão de que é um ser humano. Porém, o que me acontece no nível psíquico? Existe uma reação de atração e repulsão, a simpatia ou a antipatia. É verdade que sempre ativamos a antipatia ou a simpatia, porém, o primeiro movimento não é nem de antipatia e nem de simpatia, mas é de captar que se trata de um ser humano. A entropatia é um ato específico, não pode ser confundido com a reação psíquica da simpatia.⁵⁶

Segue-se, então, que a empatia é conhecimento imediato ante o outro vivente como *eu* com vida corpórea, psíquica e espiritual⁵⁷. E, ainda, seu dar-se acontece não somente por partes, mas por inteiro. Stein, em conformidade com isso, diz: “Que alguém pronuncie as palavras forma parte de seu dar-se, porém a pessoa falante não é apreendida nas palavras, mas com elas ao mesmo tempo”⁵⁸. É um ato “sendo” anterior e posterior à simpatia e antipatia, é um ato ativado a captar não somente um corpo físico (*korper*), mas um corpo próprio (*leib*), um vivente.

O sujeito alheio⁵⁹ se apresenta como ser aberto entropaticamente da seguinte forma: alguém vem ao meu encontro, pela manhã, e apreendo a alegria irradiada de seu interior.

55 “Com a distinção que podemos fazer entre o conteúdo da vivência, que no caso a dor e o vivenciar o seu conteúdo, que no caso seria o sentimento de dor, podemos transformar a vivência em objeto de análise. Enquanto objeto sentido pode ser o mesmo, a mesma dor, ‘a perda do ente querido’, contudo cada indivíduo viverá sua experiência, que produz uma dor particular, no caso uma vivência individual. É, pois, objeto comum, munido das diversas experiências, que teremos uma ideia da forma como a comunidade passa pela experiência da dor”. FARIAS, Moisés Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 56.

56 BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 65.

57 Cf. BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 66. “Aqui há um aspecto importante na compreensão do indivíduo alheio, pois o movimento realizado de forma própria, isso quer dizer que teve sua origem no ser alheio, é por mim percebido e compreendido não como meu movimento próprio. Isso me põe frente ao movimento do outro indivíduo e me permite afirmar, segundo Stein, que este é capaz de, como eu, realizar movimentos livres, ação esta que é um dos elementos constitutivos do indivíduo psicofísicos”. FARIAS, Moisés Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 43.

58 “Que alguien pronuncie las palabras forma parte de su darse, pero la persona hablante no es aprehendida en las palabras, sino com ellas al mismo tempo.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 162.

59 É evidente que esse alheio que tratamos aqui indica a um *alter ego* fundante do *eu*. O tu é transcendente a mim, porém em certa medida, quando o apreendo, passa a existir em minha subjetividade enquanto

Tive nesse instante a vivência da entropatia antes mesmo de ele falar, “dei-me conta” de sua vivência. Tal conteúdo, a alegria, me foi dada subitamente e compreendi o ato em si mesmo, a alegria. Em relação com essa descrição, Stein diz que:

Assim como eu não posso jamais ouvir nem ver o impulso interior do outro ser vivo, assim tampouco posso eu realizar esse impulso mesmo, nem ter consciência dele. Porém eu posso intuir esse processo vital, captá-lo de maneira vazia, em uma *consciência representante*. A esta consciência representante (em conformidade com a expressão tradicional, porém sem basear-me em nenhuma das teorias existentes acerca da experiência da vida da alma alheia) posso denominá-la *empatia* [...].⁶⁰

Dentro, pois, dessa esfera vivencial, não pude imediatamente conhecer suas particularidades subjetivas, mas captei sua experiência e entendi a alegria que vivera, que também pude viver⁶¹. Com isso, a alegria *empatizada* é objeto universal entre o *alter ego* e o *eu*, e essa relação captada é advinda da estrutura universal que medeia os sujeitos nas relações intersubjetivas, assim:

O outro se manifesta como outro semelhante a mim: semelhante, não idêntico. Eu, através da corporeidade dele, posso descobrir também sua vida psíquica e espiritual e reconhecer assim que está vivendo as coisas que eu posso viver. Por exemplo: se nesse momento nós vemos alguém que chora, mas nós não choramos, nós compreendemos que ele está chorando (sendo o choro sinal de tristeza por algo negativo que aconteceu); nesse momento, nós podemos estar muito felizes, porém compreendemos que o outro não está feliz, porque o não estar feliz é uma possibilidade que também nós poderíamos vivenciar e expressar pelo pranto. Esse é um fator importantíssimo para compreender os outros: a possibilidade de eu sentir que o outro está vivendo aquilo

percebido e apreendido. A imanência do eu nesse nexos relacional adquire uma vivência conjunta de um eu alheio, ou seja, um eu fora de mim. A transladação da vivência da alteridade inicia quando começa a verificação instantânea do semelhante.

60 “Así como yo no puedo jamás oír ni ver el impulso interior del otro ser vivo, así tampoco puedo yo realizar ese proceso vital, captado de manera vacía, en una *conciencia representante*. A esta conciencia representante (de conformidad con la expresión tradicional, pero sin basarme en ninguna de las teorías existente acerca de la experiencia de la vida del alma ajena) puedo denominarla *empatía*, [...]” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. Los problemas de la subjetividad. p. 825.

61 Ainda a autora diz na nota do rodapé número 126: “Em minha tese doutoral *Zum Problem der Einfühlung* (‘Sobre o problema da empatia’), utilizei o termo ‘empatia’ num sentido mais amplo, a saber, não só para referi-me à percepção concreta da pessoa, mas também à representação que apresenta intuitivamente o que não é propriamente perceptível”. (“En mi tesis doctoral *Zum Problem der Einfühlung* (‘Sobre el problema de la empatía’), utilicé el término ‘empatía’ en un sentido más amplio, a saber, no sólo para referirme a la percepción concreta de la persona sino también a la representación que presenta intuitivamente lo que no es propriamente perceptible”). STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. Los problemas de la subjetividad. p. 825.

que eu mesmo posso viver. [...] Há uma intencionalidade, um sermos orientados que conduz ao “eu” alheio. É o chamado *Einführung*, empatia, ou entropatia.⁶²

Essa relação intersubjetiva empática confere a captação da experiência alheia a mim⁶³. Empatia é, assim, uma compreensão da experiência alheia. De certa forma eu posso ‘entrar’ na vivência dele e fazer a experiência mesma do conteúdo vivido. Ainda nesse conceber: “[...] o conhecimento de uma pessoa alheia é possível unicamente quando um reproduz em si mesmo as vivências dela [...]”⁶⁴. Uma vivência que parte do sujeito (empatizado) e vai ao encontro dos outros sujeitos (empatizantes). Noutras palavras, quando parte do outrem a mim ou quando parte de mim a outro. Entretanto,

Havíamos dito que o eu está direcionado no convivenciar ao objeto da vivência alheia, que ao mesmo tempo tem presente empaticamente a vivência alheia e que o ato empatizante e consentido não necessita coincidir segundo seu conteúdo. [...] Sinto minha alegria e empaticamente apreendo a dos demais e vejo que é a mesma.⁶⁵

Segue daí o cerne da empatia como vivência universal. A alegria vivenciada pelo eu e a alegria apreendida empaticamente no instante da vivência de outro não impede da efetivação receptiva de um novo ato entropático. Posso distinguir minha alegria subjetiva, peculiar a mim, da alegria da pessoa alheia, ambos os sujeitos podem viver *noeticamente* a mesma essência da alegria. Dessas nossas análises, fica implicando a seguinte pergunta: a experiência apreendida pelo eu empatizante é originária? A transferência da vivência alheia ao eu conduz uma mesma vivência da experiência?

2.2 As experiências originárias e não originárias

A vivência alheia é sempre alheia, ou seja, a experiência empatizada não emana do interior do empatizante, mas do empatizado. A vivência notada por mim é advinda do

62 BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e ciências humanas*: psicologia, história e religião. p. 119.

63 Exemplificando: Posso apreender a distancia a vivência de uma pessoa por telefone, por meio de sua voz abatida exprimindo cansaço. O cansaço como ato vivencial passa a mim quando subitamente capto sua voz trêmula ou fraca. Posso também reconhecer que pessoa está no telefone no momento em que digo “alô, quem fala?”. Antes mesmo de terminar a fala-resposta adquiero empaticamente a pessoa junto com as palavras e seu estado de ânimo ou tristeza. Reconheço um *alter ego* que vive como eu.

64 “[...] el conocimiento de una persona ajena es posible únicamente cuando uno reproduce en sí mismo las vivencias de ella [...]” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. Los problemas de la subjetividad. p. 905.

65 “Habíamos dicho que el yo está dirigido en convivenciar al objeto de la vivencia ajena, que al mismo tiempo tiene presente empáticamente la vivencia ajena y que acto empatizante y cosiente no necesitan coincidir según su contenido. [...] Siento mi alegría y empáticamente apreendo la de los demás y veo que es la misma.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 94-95.

outro sujeito como possuidor da vivência primeira. O que é captado por mim é seu conteúdo de forma não originária. Empatia é sempre apreensão alheia, isto é, não originária⁶⁶. O que significa experiência originária? Stein afirma que: “Originária são todas as vivências próprias presentes como tais – que poderia ser mais originário senão a vivência mesma?”⁶⁷. A originariedade da vivência se dá na pessoa que experimenta no agora a alegria. E se passa como uma apreensão das relações essenciais. Então, todo ato empático é não originário, isto é, provém do *alter ego* ao *eu* ou do *eu* ao *alter ego*⁶⁸. Ou seja, o ato empático tem direção recíproca. Isso acontece quando eu vivencio algo que é apreendido por outro, a mim originário, e ao *alter* não originário. Dessa maneira:

[...] todas as nossas vivências são originariamente doadoras de sentido, mesmo no caso da recordação, da expectativa e da fantasia, pois a recordação traz para o presente algo considerado passado; a esperança, algo futuro; e a fantasia, algo formado com base em experiências havidas. Todavia, no caso da experiência empática, a vivência do sujeito que empatiza não é a mesma do sujeito empatizado, diferentemente do frio que posso ver em meu amigo e que outra pessoa também pode ver. No caso da dor, não “vejo” a dor de meu amigo, e, se uma terceira pessoa empatiza conosco essa experiência de dor, também não a “verá”, ainda que se dê conta dela tanto como eu. Portanto, a originariedade de um ato empático não é do mesmo tipo que aquela que caracteriza a percepção do frio, a intuição de uma essência ou a percepção de um valor. Para marcar essa diferença, Edith Stein preferirá dizer que a empatia é co-originária por seu conteúdo, não por seu ato.⁶⁹

A vivência originária é presente enquanto vivida pelo *alter ego*, mas na vivência dessa experiência apreendida empaticamente se presentifica de forma não originária, conforme seu conteúdo. Este é transmitido como ato universal. Contudo, as experiências da alegria são vividas no centro da pessoa mesma⁷⁰. Cada pessoa vivencia a alegria de maneira pe-

66 “Na empatia é o próprio indivíduo que vivencia o conteúdo vivenciado pelo outro. [...] Para Stein a empatia é a tomada de consciência do outro como semelhante a mim bem como de suas vivências interiores, contudo fica impossibilitado de efetivar-se uma completa coincidência entre o eu empático e o sentimento alheio que se reduzirá em objeto empatizado. Com essa afirmação ela quer resguardar a unicidade do indivíduo, que é de todo importante para sua realização como pessoa humana e, para evitar possíveis enganos, faz uma definição rigorosa sobre o conceito de empatia.” FARIAS, Moisés Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 29-30.

67 “Originarias son todas las vivencias propias presentes como tales – qué podría ser más originário sino la vivencia misma?” STEIN, Edith, *Sobre el problema de la empatía*. p. 84.

68 Cf. BELLO, Angela Ales. *A Fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Trad. de Antonio Angonese. Bauru, SP: Edusc, 2000, p. 162.

69 FILHO, Juvenal Savian. *Em torno da empatia segundo Edith Stein*: pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? p. 5.

70 “É irrefutável que diante da existência humana tenhamos uma série de vivências idênticas como, por exemplo, o nascimento de um filho, a morte de um ente querido, entre tantas e tantas outras, que não

cular, subjetiva. O que translada ao outro é alegria mesma. Esta pode ser concebida por todos os homens numa diferenciação e coparticipação no interior da pessoa alheia. Stein afirma que:

[...] aquele outro sujeito tem originariedade, ainda que eu não vivencie essa originariedade; a alegria que brota dele é alegria originária, ainda que eu não a vivencie como originária. Em meu vivenciar não originário me sinto, de certo modo, conduzido por um originário que não é vivenciado por mim e que, no entanto, está aí, se manifesta em meu vivenciar não originário. Assim temos, na empatia, um tipo *sui generis* de atos experienciais.⁷¹

É uma experiência pessoal e originária do empatizado. O sujeito que tem a experiência possui em si mesmo o *eidós* originário. O sujeito que empatiza possui também o *eidós* não originário do vivenciar. A objetivação da vivência empática, a alegria, entretanto, é viva, ou seja, me é dada *hic et nunc*. O vivido é assim presentificado no instante sempre presente dos atos vivenciados e passa a ser denominado vivência.

O fenômeno vivencial, porém, não está condicionado às experiências comuns porque a não originariedade indica a personalidade de cada indivíduo como mônoda⁷² entropática⁷³, no sentido de possibilidade de um vivenciar único e não repetível, mesmo sendo ser aberto, acolhe a essencialidade da alegria na interioridade de sua alma.

é só o meu eu isolado que teve essa vivência, mas de certa forma ela é compartilhada por inúmeras pessoas, e mesmo que ela não esteja acontecendo este momento que é quando denominamos vivência atual, ela está presentificada em minha recordação.” FARIAS, Moisés Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 35.

71 “[...] aquel outro sujeto tiene originariedad, aunque yo no vivencio es originariedad; la alegría que brota de él es alegría originaria, aunque yo no la vivencio como originaria. En mi vivenciar no originário me siento, en cierto modo, conducido por uno originário que no es vivenciado por mí y que empero está ahí, se manifiesta en mi vivenciar no originário. Así tenemos, em la empatia, un tipo *sui generis* de actos experienciales.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. p. 88.

72 “Por ter significado diferente de *Unidade* (v.), esse termo designa uma unidade real inextensa, portanto, espiritual. Giordano Bruno foi o primeiro a empregar esse termo nesse sentido, concebendo a M. como o *minimum*, como unidade indivisível que constitui o elemento de todas as coisas [...] A partir de 1696, Leibniz lança mão desse termo para designar a substância espiritual enquanto componentes simples do universo [...] Atende-se para o sabor leibniziano do seguinte trecho de Husserl: ‘A constituição do mundo objetivo comporta essencialmente uma harmonia de M., mais precisamente uma constituição harmoniosa particular em cada M. e, por conseguinte, uma gênese que se realiza harmoniosamente nas M. particulares.’” ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. p. 680-681.

73 “Que o homem possui uma dupla experiência de si mesmo, uma interna e outra externa, e que ambas se resumem em uma experiência unitária que engloba as duas, é algo que pertence à essência do homem mesmo.” (“Que el hombre posee una doble experiencia de sí mismo, una interna y otra externa, y que ambas se subsumem a su vez en una experiencia unitaria que engloba a las, es algo que pertenece a la

As vivências emanadas intrinsecamente ou refletidas extrinsecamente do próprio interior compenetraram e são vividas individualmente, pois “Os grandes sofrimentos e as grandes alegrias se experimentam nas profundidades da alma; é algo que nos comove e nos faz vibrar em nosso interior”⁷⁴. O indivíduo possui um centro interior e único que extrai vivências objetivando o vivido, e é aberto à intersubjetividade e, assim, abre várias formas de relação dentro dessa possibilidade inerente à pessoa humana. Edith Stein acrescenta que:

A empatia compartilha essa propriedade com muitos tipos de atos: não há só uma reflexão, mas também uma reflexão sobre a reflexão, e assim sucessivamente como possibilidade ideal *in infinitum*; um mesmo querer do querer, um agradecer do agradecer etc. [...] E assim posso também empatizar empatia, a saber, entre os atos do outro que apreendo empaticamente pode haver também atos de empatia no que o outro apreende atos de outro. Este “outro” pode ser um terceiro ou eu mesmo.⁷⁵

Essa relação mútua entre indivíduos não tem limites. Por meio da empatia, abre-se possibilidade nas relações com as pessoas ininterruptamente. O fechamento da pessoa na subjetividade como mônoda cerrada em si mesma não plenifica, pois o homem sendo mônoda entropática passa a ser pessoa, polo *egológico*, que converge todo vivenciar próprio e alheio. Nesse conceber, na vivência empática, podemos ter uma característica dinâmica de mútua relação entre um mesmo objeto vivencial. A alegria, como modelo de objeto universal que estamos usando para designar a empatia mesma como sentido *eidético*, se apresenta como algo possível de unidade do vivenciar em si mesmo entre seres potencialmente capazes de atos entropáticos. Notemos, nesse exemplo, como é constituída a empatia e como se desenvolve, a saber:

Quando uma vivência alheia emerge diante de mim, eu estou diante dessa vivência como diante de um objeto (por exemplo, a expressão de dor que “leio” na face de alguém), mas, quando procuro as tendências implícitas nessa expressão, ou seja, quando tento colher o sentido da doação dessa vivência que é o estado de ânimo do outro, essa vivência não é mais um objeto no sentido

esencia del hombre mismo”). STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. La traducción del alemán por José Mardomingo. Madrid, 1994, p. 136.

74 “Los grandes sufrimientos y las grandes alegrías se experimentan en las profundidades del alma; son algo que nos conmueve y nos hace vibrar en nuestro interior.” STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 235.

75 “La empatía comparte esta propiedad con muchos tipos de actos: no hay sólo una reflexión, sino también una reflexión sobre la reflexión, y así sucesivamente como posibilidad ideal *in infinitum*; lo mismo un querer del querer, un agradecer del agradecer, etc. [...] Y así puedo también empatizar empatías, es decir, entre los actos de otro que aprehendo empáticamente puede haber también actos de empatía en los otros aprehende actos de otro. Este ‘otro’ puede ser un tercero o yo mismo”. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 96.

estrito do termo, pois a vivência me transfere para dentro dela mesma. Nesse momento, não estou voltado para a vivência, mas sou envolvido por ela e me volto para o seu objeto, que é o estado de ânimo alheio. Torno-me o seu sujeito; coloco-me em seu lugar. Em outras palavras, pela empatia, não vivo a experiência do outro, pois essa é vivência dele e absolutamente pessoal, intransferível, mas vivencio o objeto que ele vivencia, o objeto de sua experiência. Não vivencio a vivência da dor de meu amigo, mas vivencio a dor, como meu amigo também vivencia. A empatia, portanto, rigorosamente falando, não me põe dentro do outro, mas faz que eu me dê conta do objeto de sua experiência (o “conteúdo”, conforme também diz Edith).⁷⁶

Nessa descrição, evidencia-se a gênese da empatia e seu desenvolvimento envolvido de intersubjetividade. Fica claro que empatia é conhecimento da experiência alheia e apreensão do conteúdo, da alegria, como exemplo, e não é uma vivência originária da experiência alheia senão uma captação da alegria enquanto objeto passível de vivência universal na estrutura da pessoa humana.

Dessa maneira, a apreensão confere a universalidade da vivência entres sujeitos possibilitando conhecimento da vivência alheia através da estrutura comum aos homens. No entanto, eu não posso entrar na pessoa, mas na vivência da pessoa e como ela experimentar a alegria empatizada. Stein afirma, nesse sentido, que “A experiência a que remete o saber sobre o vivenciar alheio se chama empatia”⁷⁷. Essa definição pode implicar a seguinte pergunta: a experiência alheia me faz viver o mesmo conteúdo e da mesma maneira subjetiva? Para responder a essa pergunta, que remete a uma espécie de identificação com a pessoa *empatizada* gerando uma fusão de personalidade, necessário se faz recorrer à análise da autora, a qual diz que:

Eu não sou um com o acrobata, mas só “cabe” a ele; eu não executo seus movimentos realmente, mas só “quase”, que dizer, não é só que eu não executo exteriormente os movimentos [...] o que corresponde “interiormente” aos movimentos do corpo próprio – a vivência do “eu me movo” – é em mim originário, porém não originário. E nos movimentos não originários me sinto conduzido, guiado por seus movimentos, cuja originariedade se manifesta nos meus não originários e que só neles existem para mim (entendidos de novo como vivências, porque o puro movimento corpóreo está percebido também externamente).⁷⁸

76 FILHO, Juvenal Savian. *Em torno da empatia segundo Edith Stein*. pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? p. 6.

77 “Y la experiencia a la remite el saber sobre el vivenciar ajeno se llama empatía.” STEIN, Edith. *Sobre o problema de la empatía*. p. 97.

78 “Yo no soy uno con el acrobata, sino sólo ‘cabe’ él: yo no ejecuto sus movimientos realmente, sino sólo ‘quasi’, es decir, no es sólo que yo no ejecuto exteriormente los movimientos [...] lo que corresponde ‘interiormente’ a los movimientos del cuerpo vivo – la vivencia del ‘yo me muevo’ – es em mí originario, sino no-originario. Y en estos movimientos no-originarios me siento conducido, guiado por sus movimientos, cuya originariedad se manifesta em los míos no-originarios y que sólo em ellos existen para mí

Desse modo, a empatia é sempre não originária, mesmo nessas circunstâncias de contágio e imitação de movimentos alheios. Vivencio seus movimentos de forma não originária. Não é uma repetição de gestos psicofísicos⁷⁹, mas uma apreensão livre de expressões externas. Evidentemente, a percepção pode colaborar, todavia, a *entropatia* em um “sentir com”, não no sentido de simpatia ou antipatia, como anteriormente havíamos tratado, mas é uma vivência em nível espiritual entre sujeitos espirituais. E, ainda em relação à empatia:

A tradução mais autêntica é “sentir”. Não sentimento, mas sentir. [...] Os latinos usavam “simpatia”, quer dizer “sinto com”; “antipatia”, “sinto contra”. Na língua italiana, encontramos duas soluções: “entropatia” ou, mais simplesmente, “empatia”, que quer dizer, porém, “entropatia”, isto é, um sentir que não é “simpatia”. [...] É uma vivência que me permite dizer logo “estou diante de um outro como eu” [...] Imediatamente temos esta capacidade de apreender o outro – páthos, sentir – de sentir o outro, portanto, de reconhecê-lo como alter ego, como “outro eu”.⁸⁰

Os movimentos que eventualmente venha executar em função de um contágio psíquico relativo a *outrem* ficam alheios do nosso estudo enquanto análise do que é a vivência empática. Esta investigação se dá na esfera independente de repetição de gestos ou de vivência de atração ou repulsão a nível psíquico. Trata-se de uma vivência radicada na estrutura humana que tem a função de abertura ao outro na participação interior das vivências alheias. O “sentir com” é profundo e universal, isto é, tem aspecto de adentrar na essência da vida anímica e espiritual da pessoa inserida num *leib* (corpo próprio).

Devemos, pois, clarear o sentido de *Eu espiritual*, a fim de suscitar o entendimento sobre nosso propósito de evidenciar o que é a empatia. Para esse escopo devemos nos indagar a respeito sobre pessoas espirituais enquanto polo de vivências empáticas. Só existe empatia entre pessoas humanas potencial e efetivamente dotadas de capacidades a essa vivência? Como se constitui a atividade espiritual na captação da experiência alheia? Esse é um desvelamento implicante a nosso trabalho e será, pretensiosamente, perseguido no capítulo que se segue.

(entendidos de nuevo como vivenciados, porque el puro movimiento corpóreo está percibido también externamente.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 94.

79 “Por certo que a empatia também não pode ser tida como resultado de uma associação de atos psicofísicos, como, por exemplo, na sequência a seguir: Uma vez que estando meu Eu numa vivência de alegria e que por isso me solto a sorrir e, por sua vez, alguém que está num mesmo ambiente sorri, em nada isto está ligado a uma vivência empática, haja vista não ser uma realidade meramente expressiva, mecânica, que se estabelece na relação empática.” FARIAS, Moisés Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 32.

80 BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. p. 184-185.

3 A empatia como compreensão de pessoas espirituais

A empatia, no acontecer vivencial⁸¹, tem caráter de compreensão e possibilidades abarcando a pessoa em sua totalidade. O homem, sendo pessoa, possui a capacidade espiritual de transcender a si mesmo e as coisas que o circundam. Essa possibilidade é inerente à sua estrutura enquanto pessoa espiritual⁸². Nesse direcionamento, Stein afirma ser o sujeito espiritual uma consciência que constitui objetos do mundo objetal com seus correlatos e que “[...] toda percepção externa se exerce em atos espirituais. Assim mesmo, com cada ato de *empatia* em sentido literal, isto é, com cada apreensão de um ato sentimental, já temos penetrado no reino do espírito”⁸³.

Os atos do espírito evidenciam o mundo dos valores, pois somente a pessoa enquanto espiritual pode transformar espiritualmente ou *noeticamente* o mundo vivido em mundo *eidético*. Assim, o espírito possui em si: “Todo nosso mundo ‘cultural’, tudo aquilo que existe modelado da ‘mão do homem’, todos os objetos de uso, todas as obras de

81 “Com relação a todas as outras posições filosóficas e psicológicas, a novidade da perspectiva fenomenológica é a modalidade de alcançar os níveis do corpo, da psique e do espírito através das vivências.” BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. p.112.

82 “Como o ser humano é também um ser espiritual, do ponto de vista filosófico fala-se em *pessoa*. De fato, tanto Husserl quanto Stein usam o termo “pessoa”, acentuando o reconhecimento da sua dimensão espiritual constitutiva.” Extraída da nota de rodapé. BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 69. O termo pessoa, para Stein, se funda na experiência de si mesmo e na experiência do outro. Nesse último caso, a empatia enquanto vivência da experiência alheia se concentra a ideia de pessoa que é essa abertura à consciência alheia. Daí se deduz que empatia é vivência entre pessoas. A característica compreensiva da pessoa espiritual reside nessa capacidade de apreender e compreender. No caso de empatia com animais, eles têm, a nível perceptivo, somente uma apreensão, mas não uma compreensão. A pessoa espiritual é consciente de si mesma e esta noção o caracteriza como *eu puro*. Esta última possibilidade é peculiar a pessoas espirituais. Podemos, portanto, compreender a pessoa espiritual por meio da empatia, cuja análise deveremos iniciar com o presente capítulo.

83 “[...] toda percepción externa se ejerce en actos espirituales. Asimismo, con cada acto de *empatía* en sentido literal, esto es, con cada aprehensión de um acto sentimental, ya hemos penetrado en reino del espíritu.” STEIN. Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 174.

artesanato, de técnica, de arte, são feitas realidade pelo espírito”⁸⁴. Com efeito, a pessoa cria seu mundo conferindo sentido. “Porém, se quisermos entender a estrutura da pessoa humana, então, além da fonte original de sua vida e de seu ser, devemos examinar também as condições externas”⁸⁵.

A pessoa espiritual, nessa perspectiva, é dona de seus atos perante a determinação da natureza, e é, ainda, ser histórico, pois produz vivências espirituais⁸⁶. Isto quer dizer que, “No seguimento do processo de orientação de obras espirituais, se encontra no espírito mesmo a obra, dito mais claramente: um sujeito espiritual apreende empaticamente a outro e traz esta referência a seu trabalho”⁸⁷. Nesse sentido, a pessoa espiritual indica uma consciência livre ante os objetos e, em sentido mais amplo, as vivências. Estas passam, após a captação empática, a ser para o eu empatizante objeto da obra alheia como conteúdo objetivado. A consciência, intencionalmente, pode transcender e distinguir a expressão da natureza psicofísica ao *eidós* vivencial; mesmo sabendo que “toda consciência se encontra entrelaçada com o contexto da natureza”⁸⁸, ela pode ir além dos fatos.

Então, surge daí uma concepção de pessoa capaz de viver para si e para fora, ou seja, um ser possuidor de livre acesso a si mesmo e ao mundo circundante. Nesse viés, se concebe uma característica própria da sua estrutura individual como pessoa que é fazer experiência consigo mesmo enquanto subjetividade e com o outro na intersubjetividade. Mas o que significa ser pessoa? Stein nos esclarece a autonomia e responsabilidade da pessoa no que se refere ao mundo dos animais e de sua formação como pessoa. O homem não nasce pronto, é senhor de si mesmo e deve livremente determinar sua personalidade numa esfera formativa da sua estrutura *ôntica*. Atendemos a descrição da autora sobre a formação da pessoa e sua natureza e diferença do animal, quando disse que:

84 “Todo nuestro ‘mundo cultural’, todo aquello que há modelado la ‘mano del hombre’, todos los objetos de uso, todas las obras de la artesanía, de la técnica, del arte, son correlato hecho realidad del espíritu.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 174.

85 “Pero si queremos entender la estructura de la persona, entonces, además de la fuente original de su vida y de su ser, debemos examinar también las condiciones externas.” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. Los problemas de la subjetividad. p. 820.

86 “Estes tipos de vivências, especialmente as intelectuais e as da vontade, pertencem à dimensão do *espírito* – palavra muito importante que, em alemão, é *Geist*. O ser humano realiza um conjunto de atos próprios da dimensão do *espírito* [...] o ser humano é tripartido e não bipartido. As duas dimensões de espírito e psique podem ser chamadas de *alma* (os alemães dizem: *Seele*), utilizando um termo da tradição filosófica”. BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e ciências humanas*: psicologia, história e religião. p. 55.

87 “En el seguimiento del proceso de originación de obras espirituales se encuentra el espíritu mismo manos a la obra, dicho más exatadamente: un sujeto espiritual apreheinde empaticamente a outro y se trae a dato su obrar”. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 175.

88 “Toda consciência se halla entreverada con el contexto de la naturaliza.” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*: los problemas de la filosofía de la naturaleza. p. 744.

Ele é alguém que diz de si mesmo *eu*. Isso não pode fazer um animal. Quando olho um animal nos olhos, há neles algo que olha para mim. Olho dentro de um interior, dentro de uma alma que nota meu olhar e minha presença. Porém, se trata de uma alma muda e prisioneira em si mesma, incapaz de ir detrás de si e de captar-se a si mesma, incapaz de sair de si e aproximar-se de mim.⁸⁹

Aqui temos a resposta da pergunta feita no capítulo anterior: se podemos ter empatia somente com pessoas espirituais. No caso de um animal, podemos perceber que ele para no “notar”⁹⁰, mas não se percebe interiormente, não reflete e não pode sair de sua estrutura fechada para captar minha vivência, nem se aproximar de meu interior. Assim, não podemos ter empatia plenamente com animais. Essa diferença é fundamental porque somente pessoas espirituais podem ter empatia, em sentido pleno que é apreensão e compreensão da vivência alheia.

Disso extraímos uma peculiaridade humana essencial em relação à intersubjetividade. Só o homem é pessoa espiritual. Pode sair de si e ir ao encontro das outras pessoas. Sua abertura subjetiva às outras subjetividades confere uma formação pessoal. O outro, em relação a mim, se reveste de suma importância no processo formativo. A pessoa humana é, desse modo, essencialmente, ser de relações.

Stein observa que na relação entre pessoas existe compreensibilidade e, portanto, pode haver empatia, já que podem experimentar câmbios de consciências no dar-se de pessoas alheias⁹¹. Podemos, na relação entre as pessoas espirituais, dizer que existe a intersubjetividade implicando numa certa abertura da vida interior de cada sujeito. Para clarear, Stein relata que:

89 “Él es alguien que disse de si mismo *yo*. Eso no puede hacerlo un animal. Cuando miro a un animal a los ojos, hay en ellos que me mira a mí. Miro dentro de un interior, dentro de un alma que nota mi mirada y mi presencia. Pero se trata de un alma muda y prisionera: prisionera em sí misma, incapaz de ir detrás de sí y de captarse a sí misma, incapaz de salir de sí y acercarse a mí.” STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 141.

90 Recordemos o exemplo dado pela autora, no início do segundo capítulo, quando o meu amigo vem a mim e eu “noto” sua dor. Esse “notar” é objeto da empatia, todavia, no caso do animal também ele “nota”, mas essa percepção do animal a nós não evolui, já que ele não possui a capacidade de saber sobre o “notar”. É, portanto, um “notar” vazio de sentido, pois somente o homem pode conferir sentido às vivências por meio da consciência. O animal não aponta nem para dentro de si, nem aponta para fora de si. Ele é prisioneiro de sua própria alma. Assim, não se possui enquanto corpo, mas tem apenas um corpo (*korper*) e, ainda, é destituído do nível espiritual. Não se forma, mas é formado por natureza. O homem, pelo contrário, não nasce feito, é livre para plasmar sua alma e possui seu corpo quando este se torna ereto, por exemplo, no processo de crescimento e na postura que acredita ser a melhor. Pode governar seus movimentos a partir da vontade intencional.

91 Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 178.

Quando olho um homem nos olhos, seu olhar me responde. Deixa-me penetrar em seu interior, ou bem me rejeita. É senhor de sua alma, e pode abrir e fechar suas portas. Pode sair de si mesmo e entrar nas coisas. Quando dois homens se olham, estão frente a frente um eu e outro eu. Pode-se tratar de um encontro na porta ou de um encontro no interior, o outro eu é um tu. O olhar do homem fala. Um *eu dono de si mesmo* e consciente que me olha daqueles olhos.⁹²

Nessa diferenciação descrita acima, fica claro que o homem é livre na relação intersubjetiva. O tu na relação aparece quando o outro se abre a mim na diferenciação interior. É o indicativo de um eu livre porque, mesmo sendo semelhante a mim, pode não se abrir, ficando numa relação superficial. O eu e tu indicamos relação profunda e confiável enquanto eu (*aqui*, eu mesmo) e eu (*ali*, ele mesmo) nos baseamos na apreensão natural de semelhantes que se aproximam e fazem unidade em suas particularidades, ou seja, relação intersubjetiva eu e tu. A partir dessa interação, inicia o nós como substrato das relações humanas.

Ali, no interior alheio, me dou conta da minha individualidade, e o eu não se confunde com outro eu, mas capta a si mesmo se distinguindo do *outrem*. A resposta a um olhar entre sujeitos se dá por via da liberdade pessoal que somente pessoas possuem. Pois, daí decorre que é ser, “[...] uma pessoa livre e espiritual. Ser pessoa quer dizer ser livre e espiritual. Que o homem é pessoa: isto é o que o distingue de todos os seres da natureza”⁹³. A liberdade humana se passa nessa livre posse de si mesmo e na saída de si aos demais homens. O animal tem um corpo e uma alma, mas não possui um espírito, ou seja, não se dá conta de si, por isso, não podemos dizer que possui, já que não sabe de si, não reflete, sendo a reflexão uma consciência de segundo grau⁹⁴ reservada à estrutura da pessoa humana. Ao analisar a diferença com animais, vemos que:

No caso do mundo animal, percebemos que ele está vivendo o corpóreo e o psíquico, mas não é possível estabelecer uma relação espiritual, pois não se manifesta o “é como eu”. Existe uma entropatia com o mundo animal, porém, limitada. Com uma criança pequenina nós não pode-

92 “Cuando miro a un hombre a los ojos, su mirada me responde. Me deja penetrar en su interior, o bien me rechaza. Es señor de su alma, y puede abrir y cerrar sus puertas. Puede salir de sí mismo y entrar en las cosas. Cuando dos hombres se miran, están frente a frente un yo y otro yo. Puede tratarse de un encuentro a la puerta o de un encuentro en el interior, el otro yo es un tú. La mirada del hombre habla. Um *yo dueño de sí mismo y despierto* me mira desde esos ojos.” STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 141.

93 “[...] una persona libre y espiritual. Ser persona quiere decir ser libre y espiritual. Que el hombre es persona: esto es lo que lo distingue de todos los seres de la naturaleza.” STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 141.

94 Cf. BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 36. A vivência reflexiva se dá pela capacidade do eu re-tomar certo ato para re-fletir. Aqui implica a capacidade de atenção e recolhimento a si-mesmo emergindo autoconsciência e autoposse enquanto tal.

mos nos relacionar em nível espiritual, porém, esse nível do espírito amadurecerá com o seu desenvolvimento, já o percebemos potencialmente.⁹⁵

A pessoa humana, com efeito, é espiritual quando efetiva esse movimento livre de acesso do seu interior e de ida ao exterior do mundo objetual e interpessoal, e quando possui a si mesma se dando conta da corporeidade e da psique⁹⁶ e os orienta na esfera valorativa, porque “O espírito é *entendimiento* e *vontade* simultaneamente; conhecer e querer se encontram reciprocamente condicionados”⁹⁷. Com isso, a pessoa pode refletir sobre si mesma e sobre as coisas, revelando uma vida intencional pelo seu intelecto. É também nessa dimensão que avaliamos, refletimos e controlamos os impulsos da psique ou alma⁹⁸.

Estamos registrando o ato de controle, mas este não é de ordem psíquica nem de ordem corpórea, e nos faz entrar numa outra esfera a que os fenomenólogos chamam de esfera do espírito. [...] é a que reflete, decide, avalia e está ligada aos atos da compreensão, da decisão, da reflexão, do pensar, é chamada de espírito.⁹⁹

A percepção, por certo, do corpo rodeado de coisas faz saber de si mesmo como diferente e construtor de sentido. A capacidade de entendimento, ademais, revela a pessoa como ser cognoscível, e a vontade indica uma posse ordenadora de valor e de escolha ante a relação mundana. O mundo das pessoas espirituais é mundo cultural e valorativo. Com Edith Stein, nessa ótica, podemos perguntar:

95 BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 66.

96 “[...] o impulso manifesta-se como tensão em direção a algo que nós não comandamos, pois eu não posso dizer: ‘Agora eu quero ter impulso’. Edith Stein diz que a vida da psique me acontece, que as reações eu não as determino, pois eu não decido ter esses impulsos. O instinto, por sua natureza, é um movimento espontâneo; todavia eu posso controlar o instinto através de um ato voluntário – o que não significa que todos os seres humanos controlem todos os seus impulsos e instintos”. BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. p. 113.

97 “El espíritu es *entendimiento* y *voluntad* simultaneamente: conocer y querer se hallan reciprocamente condicionados”. STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 146.

98 “Na fenomenologia utilizamos a palavra grega *psique* que, no seu sentido geral, significa *alma*”. BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. p. 54-55. O termo psique vem da língua grega, enquanto alma procede da língua latina. Contudo, os dois termos, na fenomenologia, querem significar a dimensão humana dos atos de emoções, afetos, medo, impulso instintivo, reação, enfim, são atos não refletidos próprios dos animais e dos homens. Este último, porém, tem a dimensão do controle desses atos descontrolados. Esses atos podem nos ajudar na proteção de algumas situações, por exemplo, quando um cisco de algo invade os olhos, eles reagem instintivamente se defendendo. Neste exemplo as reações psíquicas são boas, como também as emoções que sentimos que podem nos formar numa sensibilidade.

99 BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. p. 39.

Que quer dizer liberdade? Quer dizer o seguinte: *eu posso*. Em minha qualidade de *eu* consciente e espiritual, minha visão se adentra no mundo das coisas, porém este mundo não me impõe. [...] o homem não está entregue inerte ao jogo dos estímulos e das respostas.¹⁰⁰

O poder entrar nas coisas, de fato, revela um ser dotado de uma cognoscibilidade possuidora de liberdade ante a sensibilidade, não sendo determinado pela natureza. Ser pessoa espiritual, necessariamente, implica uma tendência intencional intrínseca e extrínseca, no caso normal da maturação humana. Deve a pessoa vivenciar atos livres provenientes do seu “interior e mais íntimo”¹⁰¹ da vida espiritual. Esta é a particularidade da pessoa humana dotada de uma vida consciente e livre que ver a profundidade do mundo circundado de vivências. Nesse sentido:

Eu, alma, espírito, pessoa, com toda evidência estão ligados estreitamente. No entanto, cada uma destas palavras possui um sentido especial que não coincide inteiramente umas às outras. Por *eu*, entendemos o ente cujo ser é vida (não a vida no sentido de formação de matéria, mas enquanto desenvolvimento do eu em um ser que surge de si mesmo) e que, neste ser, é consciente de si mesmo [...] O eu não é idêntico à alma e tampouco ao corpo. Habita no corpo e na alma, se encontra presente em cada ponto em que sente algo presente e vivo; todavia, tem sua sede própria em um ponto determinado do corpo em certo “lugar” da alma, e posto que seu corpo e sua alma lhe pertencem, se lhe confere o nome do eu ao homem inteiro. [...] Tudo o que vive provém de minha alma, se deve o encontro da alma com uma coisa que faz *impressão* nela. Seu ponto de atuação ou de partida na alma se pode encontrar mais na superfície ou na profundidade. [...] O eu, do que brota toda vida do eu e que nele se faz consciente de si mesmo, é o mesmo que aquele a quem pertence o corpo e a alma; os abarca e os adentra espiritualmente. [...] Por *pessoa* temos entendido o eu consciente e *livre*. É livre, porque é *dono de seus atos*, porque determina por si mesmo sua vida ante a forma de *atos livres*. Os atos livres são o primeiro campo de domínio da pessoa. Porém, toda a natureza *humana* que lhe é própria lhe pertence, posto que ela influencia por sua ação sobre a formação do corpo e da alma.¹⁰²

100 “Qué quiere decir libertad? Quiere decir lo siguiente: *yo puedo*. Em mi calidad de yo despierto y espiritual, mi mirada se adentra en un mundo de cosas, pero este mundo no se me impone [...] el hombre no está entregado inerte al juego de los estímulos y las respuestas.” STEIN Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 142.

101 Cf. STEIN, Edith. *Ser finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser. p. 392.

102 “Yo, alma, espíritu, persona, con toda evidencia están ligados estrechamente. Sin embargo, cada una de estas palabras posee un sentido especial que no coincide enteramente con el de la otra. Por *yo*, entendemos el ente cuyo ser es vida (no la vida em el sentido de la formación de materia, sino en cuanto desarrollo del yo en un ser que surge de sí mismo) y que, en este ser, es consciente de sí mismo [...] El yo no es idêntico al alma y tampoco al cuerpo. Habita en el cuerpo y en el alma, se encuentra presente en cada punto en que siente algo presente y vivo; sin embargo, tiene su sede propia en un punto determinado del cuerpo y en cierto ‘lugar’ del alma, y puesto que su cuerpo y su alma le pertenecen, se le confiere el nombre de yo al hombre entero. [...] Todo lo que vivo proviene de mi alma, se debe al encuentro del alma con una cosa que hace *impresión* en ella. Su punto de atracción o de partida en el

Na estrutura da pessoa humana, nesse sentido, podemos encontrar a dimensão do eu como uma possibilidade de formação pessoal ante as determinações da natureza. “O que o homem teria que formar seria sua natureza animal. E o resultado dessa formação seria o homem totalmente desenvolvido, plenamente formado como pessoa”¹⁰³. Faz-se preciso saber que, na empatia, ativamos a esfera espiritual para a compreensão, formando, desse modo, a pessoa enquanto sujeito espiritual. Visto que temos a definição de *Einfühlung* (empatia) como compreensão da vivência alheia, então fica implicado que somente entre sujeitos espirituais temos a plenificação do terceiro grau¹⁰⁴. Na pessoa espiritual temos, ainda, a estrutura sujeito espiritual. Na sequência, analisaremos essa particularidade pessoal como compreensão de pessoas espirituais.

3.1 O Sujeito espiritual

A vida da pessoa manifesta-se através dos atos em uma individualidade peculiar. Percebemos isso na vida de cada sujeito¹⁰⁵. Na relação entropática, duas consciências se encontram por meio das vivências cujas subjetividades se apresentam abertas no câmbio de experiências. Desse modo, a pessoa toma consciência, através da *Einfühlung* (empatia), que é livre naturalmente, e o que ratifica isso é essa posse da vivência pessoal na sua subjetividade lhe conferindo participação da vida anímica do outro. Nesse sentido, afirma Stein que:

[...] devemos saber o que é que se entende por “subjetividade”. Enquanto temos mencionado até agora a subjetividade no campo de nossas reflexões, tratava-se principalmente do sujeito ou da consciência como *correlato* do mundo objetivo. [...] as pessoas recebem impressões do mundo em

alma se puede encontrar más en la superficie o en la profundidad. [...] El yo, del que brota toda la vida del yo y que en ello se hace consciente de sí mismo, es el mismo que aquel a quien pertenecen el cuerpo y el alma; los abarca y los estrecha espiritualmente. [...] Por persona hemos entendido el yo consciente y libre. Es libre, porque es dueño de sus actos. Porque determina por sí mismo su vida bajo la forma de *actos libres*. Los toda la naturaleza humana que le es propia le pertenece, puesto que ella influye por su acción sobre la formación del cuerpo y del alma.” STEIN, Edith. *Ser finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. p. 389-391.

103 STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 144.

104 Conferir o terceiro grau do processo da vivência empática, citado anteriormente.

105 O sujeito é o modo de o homem possuir a si mesmo como ponto de apoio de ser. Com isso, extrai o termo subjetividade que é o eu-em-si-mesmo consciente e livre. Desse modo, o sujeito se desdobra como indivíduo. E, ainda, alma enquanto o *eu* é racional ou espiritual porque em sua qualidade de tal é uma substância espiritual, pois ela não está necessariamente unida ao corpo. Contudo, a alma é concebida como uma só unidade na sua tripartição corpo-alma-espírito. Cf. STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 152.

que se encontram – do mundo dos objetos, e as impressões que uma pessoa recebe de outra – [...] percebem este mundo, o experimentam; logo: adotam internamente uma atitude diante dele com múltiplas ‘vivências de seu ânimo’; finalmente: intervêm em seu mundo com livre vontade e ação, criando e transformando. Em resumo: são *sujeitos* de uma multiforme *vida* do ‘eu’, de uma consciência intencional.¹⁰⁶

Assim, o eu, na constituição do indivíduo psicofísico, tem a tarefa de constituir e harmonizar os fluxos advindos do mundo externo e interno em virtude de sua vontade¹⁰⁷. Disso decorre que cada indivíduo possui espiritualidade, ou seja, cognoscibilidade sobre as coisas sensíveis e sobre as vivências interpessoais. Stein observa o caráter monádico dos sujeitos espirituais, e afirma que:

Se levarmos em conta que nem todo sujeito vê o mundo pelo mesmo “lado” nem o tem dado na mesma influência de aparências, mas que a cada um corresponde sua peculiar “visão do mundo”, então já está obtida com isto uma característica individual dos sujeitos espirituais.¹⁰⁸

Aqui temos descrito, para Edith Stein, uma individualidade da pessoa como sua dignidade única nas múltiplas visões do sujeito, pois “Toda percepção é percepção a partir de um determinado ponto de vista”¹⁰⁹. Isso implica dizer que o homem necessita do outro para ampliar sua visão ante si mesmo, ou seja, a visão do *eu* é um ponto de vista que quando mediado pela relação empática abre horizontes que clareiam o reconhecimento visual mútuo. “Essa afirmação é de uma profundidade e beleza conceitual enorme, pois mostra que a ontologia do indivíduo tem a possibilidade de desenvolver-se nos seus aspectos mais imediatos como ser pessoal e comunitário”¹¹⁰.

106 “[...] debemos saber qué es lo que se entiende po ‘subjetividad’. En cuanto hemos mencionado hasta ahora a la subjetividad en el campo de nuestras reflexiones, se trataba principalmente del sujeto o de la conciencia como *correlativo* del mundo objetivo. [...] las personas reciben impresiones del mundo en el que se hallan – del mundo de los objetos, y las impresiones que una persona recibe de otra – [...] perciben ese mundo, lo experimentan; luego: adoptan internamente una actitud ante él con múltiples ‘vivencias de su ánimo’; / finalmente: intervienen en su mundo com libre voluntad y acción, creando y transformando. En resumidas cuentas: son sujetos de una multiforme vida del ‘yo’, de una conciencia intencional.” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía: los problemas de la subjetividad*. p. 775-776.

107 Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 179.

108 “Si tenemos en cuenta que no todo sujeto ve el mundo por el mismo ‘lado’ ni lo tiene dado en la misma afluencia de apariencia, sino que a cada uno corresponde su peculiar ‘visão del mundo’, entonces ya está obtenida con esto una caracterización individual de los sujetos espirituales.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 179.

109 “Toda percepción es percepción desde en determinado punto de vista.” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía: Los problemas de la filosofía de la naturaleza*. p. 736.

110 FARIAS, Moisés Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 71.

Na relação empática, decerto, apreendemos o vivenciar da dor, por exemplo, mas eu a vivo individualmente, enquanto o *alter ego* a vive de sua forma peculiar. Assim sendo, podemos concordar no que se refere à dor, mas não nas experiências subjetivas próprias. Stein quer indicar aqui o princípio do respeito à pessoa humana. Os atos espirituais são, todavia, nexos entre os sujeitos de possibilidade aproximativa, pois:

[...] há um porvir vivenciado de um a partir de outro, um deslizar-se do eu de um a outro: o que antes temos denominado motivação. [...] A motivação é a legalidade da vida espiritual, o entranhado de vivências dos sujeitos espirituais é uma totalidade de sentido vivenciada (originariamente ou à maneira da empatia) e, como tal, compreensível. Justamente este provir pleno de sentido distingue a motivação da causalidade psíquica, e a compreensão empatizante de entranhados espirituais da apreensão empatizante dos psíquicos.¹¹¹

A motivação¹¹² que tenho, por exemplo, quando preciso estudar para passar no vestibular, é-me ativada pela dimensão espiritual que avalia e decide ser o melhor para mim. Assim, o esforço físico de um jogador de futebol se funda, também, na atividade espiritual como motivação. É o espírito que controla o desânimo e o cansaço, e incita a pessoa a agir às contrariedades psicofísicas¹¹³. A pessoa, com isso, manifesta-se em um caráter transcendente ante os motivos contrários à motivação. Por quê? Porque ser pessoa, como fora dito, é ser livre e espiritual. E disso decorre que há unidade entre estados de ânimo e a vontade, porque:

Há estados corporais vivenciados que não afetam conjuntamente ao “eu” e à sua atividade espiritual (um cansaço, depois de um esforço físico, apesar do qual alguém permanece completamente “animado” e segue sendo capaz de realizar um trabalho espiritual); por outra parte, é possível que esses estados se difundam pelo “eu” e por toda a ação. Do conjunto dos estados vitais “ligados ao corpo” se distinguem os sentimentos vitais espirituais – a eles pertence também o que

111 “[...] que hay un provenir vivenciado de uno a partir de otro, un deslizarse del yo de uno al outro: lo que antes hemos denominado ‘motivación’. [...] La motivación es la legalidad de la vida espiritual, el entranhado de vivencias de los sujetos espirituales es una totalidad de sentido vivenciada (originariamente o a la manera de la empatía) y con tal comprensible. Justamente este provenir pleno de sentido distingue a la motivación de la causalidad psíquica, y a la comprensión empatizante de entramados espirituales de la aprehensión empatizante de los psíquicos.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 179.

112 “A motivação é, portanto, a análise das condições que tornam possível a realização. O motivo impulsor para beber, porém a motivação modifica o motivo (por exemplo, a partir de uma regra social: é conveniente que se faça assim; ou de uma regra ética: o respeito pelo outro impede que se faça isso). É possível agir pelo motivo, mas há uma motivação que afirma: ‘É melhor não fazer isso’. Toda nossa vida é baseada nas motivações, não apenas nos motivos.” BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. p. 114.

113 Cf. BELLO, Angela Ales. *A Fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. p. 154-155.

comumente se designa como estados de ânimo –, uma atmosfera ou iluminação que plenifica todo o campo da consciência [...].¹¹⁴

O sujeito, desse modo, em relação ao outro sujeito, pode ter imediatamente, a nível psíquico, rejeição ou atração. No entanto, é no nível espiritual que tomamos uma postura dessas vivências. É nesse contexto que se dá a reflexão como atividade espiritual para penetrar em si mesmo a fim de pôr sentido à aproximação ao outro. Pois “os atos espirituais estão subordinados a uma legalidade racional geral”¹¹⁵.

A validade das vivências, certamente, é posta, *eideticamente*, pelo sujeito espiritual. Este, enquanto subjetividade (ser-em-si-mesmo), atualiza-se por meio do ato de decisão. O caráter da pessoa alheia e seu valor podem não ser vistos sensivelmente; são, portanto, observados através das ações. Contudo, o mundo dos valores é espiritual. A relação empática, com isso, favorece trocas de vivências.

Dessa maneira, Stein parece reafirmar que a empatia é pressuposto ético dos direitos inalienáveis da pessoa. Pois, sabemos que empatia é apreender e compreender a vivência de *outrem*, fica implicado um saber sobre o *alter ego* e um conviver experiências existenciais. E, nesse mesmo caminho, Stein defende a peculiaridade do sujeito numa relação digna de pessoas, ou seja, seres espirituais que não agem impulsivamente, mas que, como homem, ativam sua dimensão avaliativa e reflexiva a uma decisão. Ela coloca que: “O caráter do amor como estimacão de um valor e sua orientação até a peculiaridade da pessoa mostrar que essa peculiaridade encerra em si mesma um valor”¹¹⁶.

O sujeito, com efeito, sai de si mesmo ao mundo externo e o pensa reflexivamente voltando a uma escala valorativa. A alma sente, quer, deseja, mas é o sujeito em si mesmo que toma esses atos psíquicos conferindo-lhes valores¹¹⁷. A liberdade aqui atua perfeita-

114 “Hay estados corporales vivenciados que no afectan conjuntamente al ‘yo’ y a su actividad espiritual (un cansancio, después de un esfuerzo físico, a pesar del cual uno permanece completamente ‘animado’ y sigue capaz de realizar una labor espiritual); por otra parte, es posible que esos estados se difundan por el ‘yo’ y por toda su acción. Del conjunto de los estados vitales espirituales – a ellos pertenece también lo que comúnmente se designa como estados de ánimo –, una atmósfera o iluminación que llena todo el campo de la conciencia [...]” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía: los problemas de la subjetividad*. p. 795.

115 “Los actos espirituales están subordinados a una legalidad racional general.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 180.

116 “El carácter del amor como estimación de un valor y su orientación hacia la peculiaridad de la persona muestran que esa peculiaridad encierra en sí misma un valor.” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía: Los problemas de la subjetividad*. p. 810.

117 “Quando a pessoa se abre ao mundo dos valores e, ao mesmo tempo, capta de maneira mais plena que antes, a pessoa passa a vivenciar um valor em que se vê mesclada, entorpecida de afetos condicionados

mente no que se diz respeito à autodeterminação como constituição do sujeito espiritual. Nesse viés:

O ser humano não é sempre totalmente livre, mas tem algumas possibilidades de liberdade. A liberdade implica tomar consciência de certos atos e agir de certa forma, algo que os seres humanos podem fazer relativamente às situações nas quais eles se encontram.¹¹⁸

No que podemos perceber, há, no sujeito, a consciência de um *eu puro*. O que significa *eu puro*?¹¹⁹ É o ponto de irradiação interior central da pessoa humana que vivencia o correlato em si mesmo. O *Eu* conserva a sua essência nas determinações da natureza, pois, sendo espírito, transcende a causalidade psicofísica por via do sentido. Todavia, o sujeito pertence ao mundo espiritual e natural, ambos fazem o sujeito.

No *eu puro*¹²⁰, ou seja, no sujeito da vida da consciência, a alma participa da vivência em conformidade total com sua individualidade. “O que quer dizer esta individualidade? Diante de tudo, só que o ele é ‘ele mesmo’ e nenhum outro. Esta ‘mesmidade’ está vivenciada e é fundamento de tudo aquilo que é ‘meu’”¹²¹. Na empatia se revela a individualidade de um tu com suas peculiaridades vivenciais conferindo diferença. A alteridade possui sua *mesmidade* e “As correntes de consciência, portanto, estão qualitativamente

não somente pelo valor mesmo, mas pela peculiaridade destes estados psíquicos.” COELHO, K. Gardênia da Silva. *A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein*. p. 44.

118 BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. p. 113.

119 “Stein percebe ao longo da análise do problema da empatia que o ser humano se reconhece como um sujeito espiritual aberto ao mundo espiritual para assim apreender o outro como um eu individual. Sendo assim, partindo dessa experiência frente ao outro, percebo que sou um eu puro e que diante desse outro reconheço que esse eu puro não é igual ao outro, mas que ele é ele mesmo e nenhum outro, pois somente capto o eu puro diante da alteridade do outro e esta alteridade se manifesta no modo de dar-se.” Ver ainda nota de rodapé que: “o eu puro é o sujeito individual, ou seja, aquilo que me caracteriza como individualidade como sujeito”. COELHO, K. Gardênia da Silva. *A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein*. p. 45-46.

120 “Se consideramos em primeiro lugar a pessoa como sujeito da vida do eu, então a pessoa não se diferencia do *eu puro*. Este é a fonte original do vivenciar, o ponto de partida desde o qual as vivências irradiam até seus pontos da meta, os objetos. Ao sujeito podemos designá-lo também como uma forma especial da consciência.” (“Si consideramos en primer lugar a la persona como sujeto de la vida del yo, entonces la persona no se diferencia del *yo puro*. Éste es la fuente original del vivenciar, el punto de partida desde el cual las vivencias irradian hacia sus puntos de meta, los objetos. Al sujeto podemos designarlo también como una forma especial de la conciencia.”) STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía: los problemas de la subjetividad*. p. 778.

121 “Qué quiere decir esta individualidad? Ante todo, sólo que él es ‘él mismo’ y ningún otro. Esta ‘mismidad’ está vivenciada y es fundamento de todo aquello que es ‘mío.’” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 118.

diferenciadas em virtude de seu conteúdo vivencial”¹²². O empatizante se abre ao tipo específico alheio. Com isso:

Ao empatizar posso vivenciar e descobrir estratos correlativos de minha pessoa para cujo desvelamento minha vivência originária não ofereceu, todavia, a ocasião. Aquele que nunca tem passado por um perigo pode, entretanto, vivenciar-se como valente ou covarde na presentificação empatizante da situação do outro.¹²³

Com isso, a empatia possibilita o conhecimento de meu eu próprio¹²⁴. A compreensibilidade via entropática pode ser mútua, isto é, na relação intersubjetiva não há perdedor de vivências na doação particular, mas enriquecimento simultâneo. A pessoa assim é *Dasein*¹²⁵ (ser-aí); isto significa ser-no-mundo com os outros *egos*. Em suma, Edith Stein afirma que “Só quem se vivencia a si mesmo como pessoa, como totalidade de sentido, pode entender as outras pessoas”¹²⁶.

Como ser pessoa em sua totalidade de sentido? O que fazer para a constituição da pessoa própria com o objetivo de pessoa humana plenificada? Se a condição do meu eu próprio é formado pela minha vivência totalizante de sentido, cabe a nós refletirmos a ação da empatia como condição de construção da pessoa própria. É o que se tratará adiante na presente análise fenomenológica da pessoa humana.

3.2 Relevância da empatia para a constituição da pessoa própria

Na empatia, a apreensão se dá num todo do empatizado, ou seja, captamos a pessoa espiritual em conformidade com seu corpo e sua alma. Amar uma pessoa quer dizer amá-la por inteira. A pessoa própria é a noção conscienciosa que possui um *leib* (corpo próprio), e isto significa um corpo vivo com seus impulsos e fruições emotivas fundadas na sensação imediata de ações voluntárias ou involuntárias. O corpo próprio¹²⁷ não é algo

122 “Las corrientes de conciencia, pues, está cualitativamente diferenciadas en virtud de su contenido vivencial.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 119.

123 “Al empatizar puedo vivenciar valores y descubrir estratos correlativos de mi persona para cuyo desvelamiento mi vivencia originaria no há ofrecido todavía ocasión. Aquel que nunca há arrostrado un peligro puede, sin embargo, vivenciarse como valiente o cobarde en la presentificación empatizante de la situación de outro.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 199.

124 Cf. COELHO, K. Gardênia da Silva. *A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein*. p. 49.

125 Cf. BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. 2004, p. 130.

126 “Sólo quien se vivencia a sí mismo como persona, como totalidad de sentido, puede entender a otras personas.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 199.

127 O corpo próprio, “[...] desempenha o papel de ‘mediador’ entre a pessoa e o mundo espacial”. “[...] desempeña el papel de ‘mediador’ entre la persona y el mundo espacial”. STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía: los problemas de la subjetividad*. p. 776.

separado da pessoa, mas é a pessoa espiritual. O que isso implica? Que possuir um corpo próprio significa possuir a capacidade de manifestar a consciência enquanto corpo vivente expressivo com suas sensibilidades perceptivas próprias e alheias. Com isso:

[...] o corpo próprio “percebido externamente” e o “percebido corporalmente” estão dados como o mesmo. Isto requer ainda um esclarecimento mais detalhado. Eu não só vejo minha mão e percebo a mesma mão corporal como sentindo, mas que “vejo” também os campos de sensação da mão que se constituíram para mim em percepção corporal, [...] Não só vemos a mesa e palpamos sua dureza, mas também “vemos” sua dureza.¹²⁸

De fato, o corpo próprio percebe e é responsável pelas manifestações das vivências psíquicas e espirituais, pois “A bondade, a nobreza da alma, a energia se marcam nos traços do rosto, mas também no andar e na postura e em toda a maneira de mover o corpo” [...], a nota individual que essas qualidades levam em si: a “peculiaridade pessoal”¹²⁹. A pessoa humana, assim, é posta por meio do eu corporal, do eu próprio, que se move através do espaço num ponto zero de orientação e “vê” espiritualmente as coisas. Stein nos afirma isso com um exemplo, a saber:

“Em pensamento”, posso levantar de minha mesa, ir a um canto do meu escritório e observá-lo dali. E, se faço isso, não levo comigo meu corpo próprio. O eu que está ali no canto tem, quiçá, um corpo próprio de fantasia, isto é, um corpo próprio visto – se me está permitido dizê-lo assim – em “fantasia corporal”; ademais, ele pode olhar o corpo corporal que tem abandonado no escritório como as demais coisas no ambiente; este também é agora, com efeito, um objeto presentificado, isto é, algo dado na visão externa presentificante. E ao final tampouco desapareceu o corpo próprio real, mas que de fato estou sentada, todavia, no escritório, não separada de meu corpo próprio.¹³⁰

128 “[...] el cuerpo vivo ‘percibido externamente’ y el ‘percibido corporalmente’ están dados como el mismo. Esto requiere aún una aclaración más detallada. Yo no sólo veo mi mano y percibo la misma mano corporal como sentiente, sino que ‘veo’ también los campos de sensación de la mano que se han constituido para mí en percepción corporal, [...]. No sólo vemos la mesa y palpamos su dureza, sino que también ‘vemos’ su dureza.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 124-125.

129 “La bondad, la nobleza de alma, la energía se marcan en los rasgos del rostro, pero también en el andar y en la postura y en toda la manera de mover el cuerpo. [...], la nota individual que esas cualidades llevan en sí: la ‘peculiaridad personal.’” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía: Los problemas de la subjetividad*. p. 816.

130 “‘En pensamientos’ me puedo levantar de mi escritorio, ir a una esquina de mi habitación y observarlo desde allí. Y si hago esto no llevo conmigo mi cuerpo vivo. El yo que está allí en la esquina tiene, quizá, un cuerpo vivo de fantasía, es decir, un cuerpo vivo visto – si me está permitido decirlo así – en ‘fantasía corporal’; además, él puede mirar al cuerpo corporal que há abandonado en el escritorio como a las demás cosas en la habitación; éste también es ahora, en efecto, un objeto presentificado, es decir, algo dado en visión externa presentificante. Y al final tampoco ha desaparecido el cuerpo vivo real, sino que

O sujeito espiritual necessita do corpo¹³¹, mas não está preso às suas relações psicofísicas, porque a alma e o corpo podem ser educados pela avaliação e decisão reflexiva do espírito humano. E, como constatamos no exemplo acima, o pensamento, por meio do eu espiritual, pode ultrapassar as barreiras físicas e sair de um determinado lugar e, espiritualmente, viajar fora do corpo através da fantasia orientada cognoscivelmente. Segundo a autora, “O corpo próprio está por natureza constituído por sensações, as sensações são componentes reais da consciência e, como tais, pertencentes ao eu”¹³².

Assim sendo, não pode existir um corpo próprio sem um eu espiritual. O eu espiritual necessita tomar posse de seu corpo e de sua psique como iluminação dos fluxos psicofísicos, pois somente um sujeito espiritual pode instruir e harmonizar sua pessoa enquanto totalidade *ôntica*. Tanto o corpo quanto o espírito estão envolvidos numa certa relação¹³³ pela psique como elo entre *a priori* (eu puro) e *a posteriori* (eu corporal). Em todos esses complexos estratos estão presentes o eu como força corporal e atuação espiritual, pois:

A força corporal e a força espiritual não são independentes entre si: quando nosso corpo se cansa, isto é, depois de um esforço corporal, o rendimento espiritual é um bem inteiramente impossível ou um bem possível somente com um grande esforço. E vice-versa: o esforço espiritual produz cansaço corporal¹³⁴.

O sujeito espiritual tem possibilidades “extra corpo” e pode transcender até mesmo o cansaço. A vontade se efetiva como objetivação da liberdade pessoal. A força produzida

de hecho estoy sentado todavía en el escritorio, no separado de mi cuerpo vivo.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*, p. 127.

131 Cf. STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 151.

132 “El cuerpo vivo está por naturaleza constituido por sensaciones, las sensaciones son componentes reales de la conciencia y, como tales, pertenecientes al yo.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 128.

133 “Todavía, se ao corpo é concedido um tratamento *excessivo* – e é justamente a sua *natureza corrupta* que pode solicitar o excesso – tal fato redundava em prejuízo da alma, isto é, do seu ser espiritual. De fato, em lugar de controlar o seu corpo e espiritualiza-lo, ela acaba sendo sufocada por ele. E o corpo, por sua vez, vai perdendo aos poucos a sua característica de corpo humano. Na verdade, quanto mais íntima é a relação entre alma e corpo, tanto maior é o perigo na materialidade. Entretanto, pode haver igualmente uma maior possibilidade de o próprio corpo ser inteiramente compenetrado pela alma. Se consideramos a relação recíproca das energias espirituais, podemos notar que elas se exigem mutuamente, e nenhuma pode existir sem as outras.” SCHOEPFLIN, Maurizio. *O amor segundo os filósofos*: Edith Stein, O amor eleva à perfeição. Trad. Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 170.

134 “La fuerza corporal y la fuerza espiritual no son independientes entre sí: cuando nuestro cuerpo se cansa, esto es, tras un esfuerzo corporal, el rendimiento espiritual es o bien enteramente imposible o bien posible solamente con un gran esfuerzo. Y vice-versa: el esfuerzo espiritual produce cansancio corporal.” STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 200-201.

pela vontade é feita atividade e aponta para além da natureza, dando-lhe sentido. A ação espiritual, através da vontade, usa a esfera psicofísica para fazer a escolha, pois “Todo ato criativo em sentido próprio é ação da vontade”¹³⁵. O eu pode transformar o mundo natural em um mundo espiritual; a atividade, assim, não está submetida à causalidade. Dessa maneira, “[...] só do eu vontade se pode dizer que é senhor do corpo próprio [...]”¹³⁶. Stein contribui com mais exemplos:

No contexto da vida espiritual, nos movemos livremente, sem recorrer à corporeidade. Uma vez introduzido neste labirinto, nos orientávamos pelo fio condutor do “sentido”, porém até agora não temos chegado a conhecer nenhum outro acesso mais que o utilizado por nós, a expressão sensivelmente perceptível no semblante e similares, ou bem as ações.¹³⁷

Somente o homem espiritual, porque é livre, pode conferir sentido e movimentar livremente sem necessitar do corpo numa ideação intencional consciente. Por exemplo, posso perceber o som do telefone tocando mesmo sem sair do corpo. Meus ouvidos e minha visão podem descrever *noeticamente* a distinção do barulho do telefone de som de uma cadeira sendo arrastada. Não preciso me aproximar corporalmente e tocar no telefone ou na cadeira e, ainda, sabemos que os sons são apreendidos subjetivamente, ou seja, não é algo material. Mas haverá obrigatoriedade na empatia de recorrer ao corpo próprio alheio? Stein comenta a respeito: “Haveria de ser uma necessidade essencial que o espírito só possa entrar em mútua relação com o espírito por meio da corporeidade? De fato, eu, como indivíduo psicofísico, não posso ter notícia da vida espiritual de outros indivíduos por nenhuma outra via”¹³⁸.

Edith Stein assegura o indivíduo em sua totalidade, na entropatia, como relação humana plena, ou seja, mesmo sendo um ato espiritual necessita da corporeidade. Os fenômenos de expressões podem, por sua vez, mostrar a interioridade alheia. A vida pessoal manifesta em seus movimentos, como exemplo, na linguagem, na escrita, na arte, na afetividade, na sexualidade e nos traços espontâneos ao caminhar, enfim, na atividade

135 “Todo acto creativo en sentido propio es acción de la voluntad.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 137.

136 “[...] sólo del yo volente se puede decir que es señor del cuerpo vivo [...].” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 137.

137 “En el contexto de la vida espiritual nos movimos libremente, sin recurrir a la coporalidad. Una vez introducidos en este laberinto nos orientábamos por el hilo conductor del ‘sentido’, pero hasta ahora no hemos llegado a conocer ningún otro acceso más que el utilizado por nosotros, la expresión sensiblemente perceptible en el semblante y similares, o bien las acciones.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 201.

138 “Habría de ser una necesidad esencial que el espíritu sólo pueda entrar en mutua relación con el espíritu por el medio de la corporalidad? De hecho, yo, como individuo psicofísico, no puedo tener noticia de la vida espiritual de otros individuos por ninguna otra vía.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 201.

espiritual como instrumento intencional da vida cônica do *eu*¹³⁹. O corpo próprio é visto empaticamente com seus fenômenos dentro de um contexto espaço-temporal, pois a pessoa é envolvida de vivências próprias e alheias. Estas influenciam na construção mútua na relação entre interiores. A manifestação exterior na corporeidade expressa a vida da alma como objeto de percepção e apreensão cognoscitiva. Nesse conceber:

Podemos representar-nos mediante a empatia o estado da alma que se nos manifesta numa expressão, e podemos ver que essa realização empaticante ou a vivência empaticada, tal como chega a ser objeto de uma contemplação reflexiva, se encontra em coincidência (quer da plenitude) com o que se manifesta originalmente.¹⁴⁰

A percepção sensível, nesse sentido, aparece como algo aberto à interioridade alheia, pois sabemos que nem sempre podemos apreender fisicamente a vivência da pessoa. A pessoa empaticada pode manifestar sua vivência internamente e, por vontade alheia, é possível esconder uma vivência não a deixando exteriorizar completamente. Ademais, a empatia não para na percepção, visto que dela não depende, pois, ainda:

Se vejo uma manifestação expressiva correspondente, então isso serve para corroborar o que eu tenho sentido por empatia, ao igual que, por outra parte, a captação de um motivo evidente confirma, para um estado percebido em sua expressão, a realização do mesmo.¹⁴¹

Nesse sentido, o interior se expressa corporalmente como que objetivando a vivência individual. A dor que invade meu amigo que vem a mim e expressando-a em fenômenos sensíveis pode corresponder à verdade central da alma. Em relação à empatia, entre sujeitos espirituais, fica certo que “damos conta” do *alter ego* com suas peculiaridades próprias. A apreensão é por via corpo-psique e espírito. “A alma, como unidade substancial que se manifesta nas vivências psíquicas singulares, está consolidada – [...] e a essência das sensações – no corpo próprio, constitui com ele o indivíduo psicofísico”¹⁴². Não há uma separação tripartida, mas uma unidade tripartida, isto é, pelos atos podemos identificar o

139 Cf. STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 152.

140 “Podemos representarnos mediante la empatía el estado de alma que se nos manifiesta en una expresión, y podemos ver que esa realización empaticante o la vivencia empaticada, tal como llega a ser objetivo de una contemplación reflexiva, se halla en coincidencia (que da plenitude) con lo que se manifiesta originalmente.” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía: Los problemas de la subjetividad*. p. 837.

141 “Si veo una manifestación expresiva correspondiente, entonces eso sirve para corroborar lo que yo he sentido por empatía, al igual que, por otra parte, la captación de un motivo evidente confirma, para un estado percebido en su expresión, la realización del mismo.” STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía: Los problemas de la subjetividad*. p. 838.

142 “El alma, como la unidad sustancial que se manifiesta en las vivencias psíquicas singulares, está consolidada – [...] y la esencia de las sensaciones – en el cuerpo vivo, constituye con él el individuo psicofísico.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 130.

eu e sua estrutura¹⁴³. Um *Geist*, com sua atividade espiritual, numa alma corpórea, ou seja, no *Leib-seele* que se manifesta em dois momentos com seus respectivos nexos.

Cada vivência vem acompanhada de expressões que podem indicar uma atuação mais ou menos visível de cada esfera estrutural. Esta relação pode favorecer um autoconhecimento por parte do empatizante. O empatizado clareia com sua personalidade fenomênica a personalidade do eu. Com isso, a entropatia é tida de consciência presença alheia e a sua aparição plena de valores remete ao *eu* um despertar formativo pessoal na sua própria estrutura. O outro apreendido, em sua totalidade é:

[...] um importante meio auxiliar para a *autovalorización*. Posto que a vivência do valor é fundante do valor próprio, com os novos valores obtidos na empatia se abre simultaneamente o olhar dos valores desconhecidos na pessoa própria.¹⁴⁴

A relação, dessa maneira, se apresenta, na constituição da pessoa própria, como algo imperativo a aquisição de novos valores. Na verdade, a vida humana se baseia em valores, pois, ao contrário, viveríamos no reino da natureza, numa esfera psicofísica. Nessa ótica, seríamos não humanos, mas animais. Deve ficar claro que pessoa humana é potencialmente constituída de um espírito que o faz transcender a natureza. Não é um negar a natureza, mas transformá-la em categoria espiritual. O homem é ser cultural pleno de sentido. Alguns animais, como as formigas, por exemplo, trabalham em unidade física, mas não sabem que trabalham, não têm consciência do que fazem, não refletem, meramente fazem o que a natureza determinou.

No caso dos sujeitos espirituais, há a dimensão valorativa, de sentido *eidético*, em suas relações intersubjetivas. Isso quer indicar intercâmbios de subjetividades em nexos interiores individuais. Desse modo: “Toda apreensão de pessoas de outra classe pode chegar a ser fundamento de uma comparação de valores”¹⁴⁵. A empatia nos possibilita autoconhecimento e uma autorreflexão dos valores pessoais¹⁴⁶.

143 “[...] o *Leib*, que podemos traduzir com a expressão corpo vivo a fim de diferenciá-lo do simples *Korper*, corpo em sentido genérico, entendido como mera materialidade; *Seele*, isto é, a atividade psíquica; e o *Geist*, a atividade espiritual. A distinção destes três componentes, portanto, permite captar a complexidade da constituição do ser humano, bem como os diferentes aspectos da sua realidade.” BELLO, Angela Ales. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. p. 130.

144 “[...] un importante medio auxiliar para la *autovaloración*. Puesto que la vivencia del valor es fundante de la valía propia, con los nuevos valores obtenidos en empatía se abre simultáneamente la mirada a valores desconhecidos en la persona propia.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 200.

145 “Toda aprehensión de personas de otra clase puede llegar a ser fundamento de una comparación de valores.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 200.

146 “‘Eu puro’, de onde parte a reflexão sobre os atos e sobre a constituição dos seres humanos, pelo encontro concreto desses seres, no qual não se privilegia um ponto de partida subjetivo. [...], capta-se

O encontro, portanto, entre sujeitos espirituais dá-se empaticamente em corpos próprios e isso implica que o semelhante (o empatizado) se dá por inteiro. Para uma compreensão de si mesmo como constituição pessoal, fica preciso uma vivência plena de si mesmo. Mesmo nos atos psicofísicos, posso, como pessoa¹⁴⁷ própria, possuidor e conhecedor de meu eu totalizante, refletir e aperfeiçoar, ou seja, constitui um eu próprio denso em valor e liberdade criativa de um reino de sentido ante o mundo natural.

Enfim, na empatia *eu* tenho noção de meu eu próprio: de meu ser em corpo próprio¹⁴⁸; de minha psique, emotiva e impulsiva; de meu espírito reflexivo, entendedor, decisivo e livre; em suma, de meu ser pessoa própria enquanto pessoa humana. Evidentemente, a constituição do meu *eu* só será realizada entropicamente, em relação com o *alter ego*. Noutras palavras: sou um corpo próprio¹⁴⁹, sou pessoa espiritual. Pessoa porque sou livre e tenho acesso a mim mesmo e ao mundo externo de forma espiritual. Posso captar, refletir, avaliar, decidir e efetivar minha liberdade constituindo um mundo denso de sentido. Minha verdade humana-existencial, portanto, só será vivida intensamente quando souber confrontar as barreiras individualistas que me cercam a uma compreensão do outro¹⁵⁰ co-

claramente a correlação-distinção recíproca entre os indivíduos [...]” BELLO, Angela Ales. *A Fenomenologia do ser humano*: traços de uma filosofia no feminino. p. 162.

147 “Uma pessoa humana não é somente um sujeito puro, cujo olho espiritual mira o mundo dos objetos, mas uma realidade, que com corpo próprio e alma, estar incluída na conexão do mundo real.” “Una persona humana no es solamente un sujeto puro, cuyo ojo espiritual mira a un mundo de los objetos, sino una realidad, que con cuerpo vivo y alma, está incluida en la conexión del mundo real.” Texto extraído da nota de rodapé. STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*: los problemas de la subjetividad. p. 788.

148 “Eu não sou meu corpo, mas que o possuo e o domino. Também posso dizer: sou *em* meu corpo.” “Yo no soy mi cuerpo, sino que lo poseo y lo domino. También puedo decir: soy *en* mi cuerpo.” STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. p. 150.

149 “[...] sendo este ser um corpo, mas não só um corpo, ele é um corpo próprio e dentro da dinâmica do corpo próprio temos várias características, dentre elas a apreensão, sendo que esta é uma capacidade não mais psicofísica, mas espiritual e este corpo próprio passa a ser sujeito espiritual que, dentre outras, tem por sua característica sua individualidade e sua junção vivencial de sentido motivacional, que por sua vez está sujeita a uma lei racional dotada de compreensibilidade e, entre outras vivências, está inclusa a empatia. Podemos assim concluir que a empatia tem caráter de universalidade na constituição do sujeito espiritual.” FARIAS, Moisés Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 48.

150 “Este ‘estar diante do outro’ numa relação x objeto limita o desenvolvimento pleno do ser humano para ambos os envolvidos. Já quando Stein trata da aceitação do outro como semelhante a si, constitui o primeiro nível de empatia, uma vez acolhendo seus movimentos vitais, salvaguardando o que mais importante temos nas relações interpessoais, que é justamente sua constituição como sujeito, dotado da tríplice estrutura corpo-alma-espírito. [...] Só posso ser um sujeito pleno quando ajo com o outro como sujeito dotado da mesma estrutura que eu, em outras palavras, a minha plenificação como pessoa está

mo uma abertura reflexiva de mim mesmo. A alteridade, assim, constitui e assegura minha identidade enquanto pessoa humana individual.

Em suma, a empatia contribui para a constituição da pessoa humana. Contudo, sabemos que somente Deus possuidor da compreensão totalizante pode abarcar tudo de uma só vez, sem erros. Mesmo assim, Ele não repete a mesma vivência humana, mas, empaticamente de maneira não originária, apreende e compreende cada pessoa na sua individualidade e, por isso, Deus ama porque toma para si mesmo o mundo humano. Stein diz que:

Deus, enquanto possuidor de um conhecimento perfeito, não se enganará sobre as vivências dos homens como os homens se enganam entre si sobre suas vivências. Mas tampouco para Ele chegam a ser próprias as vivências dos homens nem adotam o mesmo modo de dar-se.¹⁵¹

Pode-se, portanto, aderir uma via eficaz, como o método fenomenológico, a fim de assegurar a veracidade vivencial de cada pessoa humana para construir um mundo mais consciencioso da vida da intersubjetividade como forma comunitária de seres humanos que se respeitam e se reconhecem como semelhantes. A empatia pode contribuir, nesse direcionamento tão necessário, à humanidade atual, já que, em virtude da empatia, há possibilidade da constituição humana implicando no reconhecimento da experiência alheia. Essa possibilidade se apresenta como universalmente inegável enquanto estrutura da pessoa. Assim sendo, torna-se possível o respeito à dignidade peculiar do outro como constituição mútua entre as pessoas humanas.

intrinsecamente condicionada à forma como ajo com o outro.” FARIAS, Moisés Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. p. 52.

151 “Dios, en cuanto poseedor de un conocimiento perfecto, no se engañará sobre las vivencias de los hombres como los hombres se engañan entre sí sobre sus vivencias. Pero tampoco para Él llegan a ser propias las vivencias de los hombres ni adoptan el mismo modo de darse.” STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 88.

Considerações finais

O escopo desta pesquisa foi apresentar as condições constitutivas da pessoa espiritual, através da empatia na concepção de Edith Stein, isto é, a pessoa no seu entendimento e sua vontade como compreensão da experiência alheia. Sua reflexão sobre as vivências apreendidas se dá pela instigação de saber, o que significa tomar conhecimento da experiência alheia. Sendo o homem pessoa, a transcendência lhe é peculiar e constitutiva. Tal postura permite a abertura ao outro como necessidade pessoal, ou seja, formativa, enquanto ser humano, o homem é conduzido ao mundo de relações intersubjetivas com o propósito de constituição pessoal.

Em vista disso, a pessoa humana em Edith Stein não se realiza isoladamente, nem pode ser entendida mecanicamente, mas circunscrita e livre entre outras pessoas. A pessoa possui, em sua estrutura, a dimensão espiritual que a afirma como ser cômico e livre. Na relação intersubjetiva, e especificamente na empatia, o homem ativa sua espiritualidade numa procura de sentido à vivência do *outrem*. Cabe dizer que todo ser humano possui essa capacidade estrutural que diante de sua liberdade possibilita a captação da vivência originária da alteridade, sendo a apreensão objetivada como não originária no seu terceiro grau na esfera do espírito, que é a empatia mesma.

Nesse sentido, Stein ao analisar as vivências enquanto fenômeno, que se mostra, em *carne e osso*, aderiu o método fenomenológico que apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho como via segura de investigação com o intuito de assegurar a peculiaridade individual da pessoa, com a redução à *essência* precedido da *epoché*, que se inicia a evidência clara da vivência. Ainda, nesse viés, foi exposta a redução *transcendental* como penetração “à coisa mesma” sem prejuízos subjetivos. Essa maneira de conceber o método, na visão de Stein, tende a salvaguardar a pessoa na sua totalidade real e não somente numa dimensão epistemológica, mas antropológica, ou seja, uma posição realista-metafísica. A esse respeito, Stein afirma que, toda *noesis* corresponde a um *noema*, isto é, cada percepção implica numa coisa percebida.

No segundo capítulo, expomos o conceito de empatia para Stein. A autora concebe a empatia como apreensão da vivência alheia. Evidentemente, ela se refere ao objeto da vivência em si mesma e não a intensidade da experiência. Esta vivência peculiar do ou-

tro lhe é experimentada na profundidade de sua alma. Esta abertura é universal, ou seja, é inerente a toda pessoa humana. A empatia, dessa forma, constitui a pessoa enquanto espiritual. Nos níveis trabalhados, pode-se ver que a compreensão é própria dos sujeitos espirituais. Assim, a empatia é tomar conhecimento da vivência do outro, e isso quer dizer, de maneira não originária. Isso se dá porque a vivência se originou do *alter ego* para o *eu*. Por conseguinte, a empatia possibilita o reconhecimento e a coparticipação na vida alheia iniciando uma relação de abertura ao mundo comunitário, a unidade espiritual das pessoas, em virtude do enfrentamento ao individualismo ou uma apatia ante os semelhantes.

No terceiro capítulo, a reflexão partiu da empatia como compreensão de pessoas espirituais, pois o homem sendo pessoa é livre e espiritual, em outras palavras, ele pode diante da vivência alheia perceber (*noésis*), objetivar (*noéma*) o percebido e compreender (“coisa mesma”) numa vivência originada do outro, isto é, numa vivência empática, num nexos imanência-transcendência. Aqui funda a posição filosófica de Stein de consideração dos dois polos egoísticos. Há um notar do encontro do eu com o *alter ego* e um captar a vida experiencial do outro e isso é possível porque estruturalmente o homem é pessoa, a saber, vive a si mesmo como totalidade de sentido e, por isso, pode entender a outras pessoas, decerto, há uma subjetividade que se abre a intersubjetividade. Nessa relação perceptiva de indivíduos semelhantes se coloca nas reciprocidades vivenciais como elo entre às pessoas como sujeitos. Tendo como resultado, a empatia enquanto capacidade constitutiva da pessoa própria. O outro, na sua individualidade corporal, evidencia a identidade do eu. Na apreensão não originária, a empatia, o *outro eu* se põe como possibilidade de novos valores e, assim, pode simultaneamente descobrir valores desconhecidos, corrigir e comparar valores de outro modo de cultura pessoal.

A empatia, destarte, possibilita autoconhecimento e autorreflexão. E ainda, ela pode favorecer a aproximação do outro de uma maneira significativa, a saber: entre pais e filhos; entre professor e aluno; entre empregador e empregado; entre amigos; enfim, entre indivíduos sociais que se esbarram nas avenidas da existência. Isso pode implicar num reconhecimento da vivência alheia culminado em um mundo humano denso de respeito e ajuda mútua nas necessidades mais pessoais. A compreensão íntima da vida do outro proporciona uma tomada de posição que oxalá seja de profunda empatia, ou seja, participação e reconhecimento da vida alheia como via de aceitação do diferente e nunca de julgamentos, mas de visibilidade à vida do outro e suas vivências individuais. Sendo assim, decorrem da compreensão do *outrem* intercâmbios experienciais.

Edith Stein, portanto, com seu espírito questionador, deixou, portanto, a empatia como uma reflexão de fundamental importância no que se refere à relação do mundo das pessoas, que sendo espirituais transcendem-se na abertura ao reconhecimento do semelhante como base a sua constituição. O homem com essa possibilidade pode e deve

formar-se a si mesmo a partir da vivência de *outrem* como contraposto ao individualismo e a coisificação do homem atualmente. Nessa perspectiva ela considera o ser humano posto de uma totalidade vital. De outro modo, no isolamento do homem, numa teoria, o colocaria numa concepção falsa. A adesão ao método fenomenológico é, assim, caminho seguro de uma investigação mais ampla da estrutura da pessoa humana. Contudo, diz Stein, o homem é livre e, por isso, é responsável por si mesmo. O que ele teria que formar seria sua natureza animal, e sua formação é a constituição da pessoa espiritual, pois ele não nasce pronto, mas possui possibilidades *ad infinitum* do *eu posso*. Ele é senhor de si mesmo e consciente ante o mundo circunscrito.

Esperamos que o presente trabalho, sobre o pensamento de Edith Stein, favoreça a instigação filosófica dos amantes do saber, na vida acadêmica, a fim de oferecer uma possível resposta plausível, na esfera formativa, a tendência da coisificação e do individualismo da pessoa humana atualmente. Com isso, essa pesquisa não esgota o tema, pois o ato de filosofar abre a temática trabalhada numa visão ampla da pessoa humana. Stein circunscrita em seu tempo e percebendo a necessidade de uma valorização da dignidade humana foi impulsionada a dar atenção, nas suas reflexões, a estrutura da pessoa humana, cujo desejo pendura por toda a sua vida porque acreditara na pessoa como ser possível de realização pessoal. Ela sabia que o homem é pessoa, ou seja, um ser de possibilidades que o coloca responsável por si mesmo, e em constante relação interpessoal na ajuda recíproca da sua formação. Enfim, verifica-se na empatia, como estrutura universal, a possibilidade de descrever as condições constitutivas da pessoa espiritual que é a capacidade de abertura a si mesmo e a proximidade do outro como substrato da pessoa humana e sua constituição enquanto tal.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Benedetti 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BELLO, Angela Ales. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006. (Coleção Filosofia e Política)
- _____. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Organização e tradução Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004. (Coleção Filosofia e Política)
- _____. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. de Antonio Angonese. Bauru, São Paulo: Edusc, 2000. (Coleção Filosofia e Política)
- COELHO, Kátia Gardênia da Silva. *A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein*. Dissertação (mestrado em filosofia). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2012.
- FARIAS, Moisés Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. Dissertação (mestrado em filosofia). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.
- FILHO, Juvenal Savian. *Em torno da empatia segundo Edith Stein: pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo?* Conferência de abertura do II Colóquio Brasileiro de Estudos Fenomenológicos em São João Del Rei, 18-09-2012.
- FABRETTI, Vittoria. *Edith Stein: Uma vida por amor*. Tradução de Antonio E. Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Testemunhas. Série Santos)
- HERBSTTRITH, Waltraud e RICHARD, Marie-Dominique. *Edith Stein: A loucura da cruz*. Tradução de Manuel Ordóñez Villarroel. Editions du Signe: Higienópolis, São Paulo, 1998.
- STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. Vol. II. Traducción Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Coeditores: Espiritualidad; Monte Carmelo; Ediciones El Carmen, 2005.
- _____. *Introducción a la filosofía: Los problemas de la subjetividad*. Vol. II. Traducción do alemán por Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Coeditores: Espiritualidad; Monte Carmelo; Ediciones El Carmen, 2005.
- _____. *La estructura de la persona humana*. La traducción del alemán por José Mardomingo. Madri: Espiritualidad, 1998.
- _____. *Ser finito y ser eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Traducción de Alberto Pérez Monroy. Ciudad de México: Fondo del cultura económica, 1996.
- SCHOEPFLIN, Maurizio. *O amor segundo os filósofos: Edith Stein, O amor eleva à perfeição*. Trad. Antonio Angonese. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

Temas dos Cadernos IHU

- N. 01 – *O imaginário religioso do estudante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS*
Hilário Dick
- N. 02 – *O mundo das religiões em Canoas*
José Ivo Follmann (Coord.), Adevanir Aparecida Pinheiro, Inácio José Sphor & Geraldo Alzemiro Schweinberger
- N. 03 – *O pensamento político e religioso de José Martí*
Werner Altmann
- N. 04 – *A construção da telerealidade: O Caso Linha Direta*
Sonia Montañó
- N. 05 – *Pelo êxodo da sociedade salarial: a evolução do conceito de trabalho em André Gorz*
André Langer
- N. 06 – *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado – Gênese e dissolução do patriarcalismo escravista no Brasil: Algumas considerações*
Mário Maestri
- N. 07 – *A Igreja Doméstica: Estratégias televisivas de construção de novas religiosidades*
Antônio Fausto Neto
- N. 08 – *Processos midiáticos e construção de novas religiosidades. Dimensões históricas*
Pedro Gilberto Gomes
- N. 09 – *Religiosidade midiática: Uma nova agenda pública na construção de sentidos?*
Atillio Hartmann
- N. 10 – *O mundo das religiões em Sapucaia do Sul*
José Ivo Follmann (Coord.)
- N. 11 – *Às margens juvenis de São Leopoldo: Dados para entender o fenômeno juvenil na região*
Hilário Dick (Coord.)
- N. 12 – *Agricultura Familiar e Trabalho Assalariado: Estratégias de reprodução de agricultores familiares migrantes*
Armando Triches Enderle
- N. 13 – *O Escravismo Colonial: A revolução Copernicana de Jacob Gorender – A Gênese, o Reconhecimento, a Deslegitimação*
Mário Maestri
- N. 14 – *Lealdade nas Atuais Relações de Trabalho*
Lauro Antônio Lacerda d'Ávila
- N. 15 – *A Saúde e o Paradigma da Complexidade*
Naomar de Almeida Filho
- N. 16 – *Perspectivas do diálogo em Gadamer: A questão do método*
Sérgio Ricardo Silva Gacki
- N. 17 – *Estudando as Religiões: Aspectos da história e da identidade religiosos*
Adevanir Aparecida Pinheiro, Cleide Olsson Schneider & José Ivo Follmann (Organizadores)
- N. 18 – *Discursos a Beira dos Sinos – A Emergência de Novos Valores na Juventude: O Caso de São Leopoldo*
Hilário Dick (Coordenador)
- N. 19 – *Imagens, Símbolos e Identidades no Espelho de um Grupo Inter-Religioso de Diálogo*
Adevanir Aparecida Pinheiro & José Ivo Follmann (Organizadores)
- N. 20 – *Cooperativismo de Trabalho: Avanço ou Precarização? Um Estudo de Caso*
Lucas Henrique da Luz
- N. 21 – *Educação Popular e Pós-Modernidade: Um olhar em tempos de incerteza*
Jaime José Zitkoski
- N. 22 – *A temática afrodescendente: aspectos da história da África e dos afrodescendentes no Rio Grande do Sul*
Jorge Euzébio Assumpção
Adevanir Aparecida Pinheiro & José Ivo Follmann (Orgs.)
- N. 23 – *Emergência das lideranças na Economia Solidária*
Robinson Henrique Scholz

- N. 24 – *Participação e comunicação como ações coletivas nos empreendimentos solidários*
Marina Rodrigues Martins
- N. 25 – *Repersonalização do Direito Privado e Fenomenologia Hermenêutica*
Leonardo Grison
- N. 26 – *O cooperativismo habitacional como perspectiva de transformação da sociedade: uma interlocução com o Serviço Social*
Célia Maria Teixeira Severo
- N. 27 – *O Serviço Social no Judiciário: uma experiência de redimensionamento da concepção de cidadania na perspectiva dos direitos e deveres*
Vanessa Lidiane Gomes
- N. 28 – *Responsabilidade social e impacto social: Estudo de caso exploratório sobre um projeto social na área da saúde da Unisinos*
Deise Cristina Carvalho
- N. 29 – *Ergologia e (auto)gestão: um estudo em iniciativas de trabalho associado*
Vera Regina Schmitz
- N. 30 – *Afrodscendentes em São Leopoldo: retalhos de uma história dominada*
Adevanir Aparecida Pinheiro; Letícia Pereira Maria & José Ivo Follmann
Memórias de uma São Leopoldo negra
Adevanir Aparecida Pinheiro & Letícia Pereira Maria
- N. 31 – *No Fio da Navalha: a aplicabilidade da Lei Maria da Penha no Vale dos Sinos*
Ângela Maria Pereira da Silva, Ceres Valle Machado, Elma Tereza Puntel, Fernanda Wronski, Izalmar Liziane Dorneles, Laurinda Marques Lemos Leoni, Magali Hallmann Grezzana, Maria Aparecida Cubas Pscheidt, Maria Aparecida M. de Rocha, Marilene Maia, Marleci V. Hoffmeister, Sirlei de Oliveira e Tatiana Gonçalves Lima (Orgs.)
- N. 32 – *Trabalho e subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial*
Cesar Sanson
- N. 33 – *Globalização missionária: a memória entre a Europa, a Ásia e as Américas*
Ana Luísa Janeira
- N. 34 – *Mutações no mundo do trabalho: A concepção de trabalho de jovens pobres*
André Langer
- N. 35 – *“E o Verbo se fez bit”:* Uma análise da experiência religiosa na internet
Moisés Sbardelotto
- N. 36 – *Derrida e a educação: O acontecimento do impossível*
Verónica Pilar Gomezjurado Zevallos
- N. 37 – *Curar um mundo ferido: Relatório especial sobre ecologia*
Secretariado de Justiça Social e Ecologia da Companhia de Jesus
- N. 38 – *Sacralização da natureza: Henrique Luiz Roessler e as ideias protecionistas no Brasil (1930-1960)*
Elenita Malta Pereira
- N. 39 – *A sacralidade da vida na exceção soberana, a testemunha e sua linguagem: (Re) leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben*
Castor M. M. Bartolomé Ruiz
- N. 40 – *São Leopoldo e a “Revolução de 1930”:* Um possível uso da fotografia como documento histórico
Tiago de Oliveira Bruinelli
- N. 41 – *Olhares multidisciplinares sobre economia solidária: Reflexões a partir de experiências do Programa Tecnossociais*
Carlos Roncato, Célia Maria Teixeira Severo, Cláudio Ogando, Priscila da Rosa Boff e Renata dos Santos Hahn
- N. 42 – *Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz*
Antonio Marcos Alves da Silva
- N. 43 – *(Bio)políticas de educação inclusiva e de saúde mental: a (in)visibilidade do sofrimento psíquico*
Edina Mayer Vergara
- N. 44 – *Pensamento descolonial e práticas acadêmicas dissidentes*
Alex Martins Moraes, Carolina Castañeda, Caio Fernando Flores Coelho, Dayana Uchaki de Matos, Juliana Mesomo, Luiza Dias Flores, Orson Soares, Rita Becker Lewkowicz, Rodrigo dos Santos Melo & Walter Günther Rodrigues Lippold
- N. 45 – *As práticas religiosas dos “Sem Religião” nas comunidades virtuais*
Rafael Lopez Villasenor
- N. 46 – *Estética do Acaso: Um estudo antropológico sobre a dinâmica estética e econômica na Vila Chocolate*
Marcos Freire de Andrade Neves
- N. 47 – *Além de Belo Monte e das outras barragens: o crescentismo contra as populações indígenas*
Christian Guy Caubet & Maria Lúcia Navarro Lins Brzezinski



Renaldo Elesbão de Almeida é bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e atualmente cursa Teologia pelo Instituto São Tomás de Aquino (ISTA) em Belo Horizonte-MG. Nasceu em Anadia, Alagoas. É religioso da Pequena Obra da Divina Providência (orionita). Foi membro do grupo de pesquisa "Um olhar interdisciplinar sobre a subjetividade humana", sob a coordenação dos Profas. Dras. Marly Carvalho Soares e Maria Celeste de Souza. Autor de comunicação *Do conceito de paixão e suas implicações na constituição do ser humano em Edith Stein*, 2013, no IX Simpósio de Filosofia e II Seminário Internacional de Estudos Agostinianos (FCF) em 12/11/2013.